

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
CAMPUS LITORAL NORTE - DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR

ROMULO REBELATTO

**Ontologia do Espaço Globalizante em Milton Santos  
e Peter Sloterdijk**

Pelas obras Natureza do Espaço (Santos, 1996) e  
Palácio de Cristal (Sloterdijk, 2006)

TRAMANDAÍ

2023

ROMULO REBELATTO

**Ontologia do Espaço Globalizante em Milton Santos  
e Peter Sloterdijk**

Pelas obras *Natureza do Espaço* (Santos, 1996) e  
*Palácio de Cristal* (Sloterdijk, 2006)

Projeto de Trabalho de Conclusão do Curso de  
Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Dra.  
Profa. Marlise Amália Reinehr Dal Forno, e  
coorientação da Ma. Profa. Yara Paulina Cerpa  
Aranda

TRAMANDAÍ

2023

### CIP - Catalogação na Publicação

Rebelatto, Romulo  
Ontologia do Espaço Globalizante em Milton Santos e  
Peter Sloterdijk / Romulo Rebelatto. -- 2023.  
70 f.  
Orientador: Marlise Amália Reinehr Dal Forno.

Coorientador: Yara Paulina Cerpa Aranda.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus  
Litoral Norte, Licenciatura em Ciências Sociais,  
Tramandaí, BR-RS, 2023.

1. Espaço. 2. Globalização. 3. Sloterdijk. 4.  
Milton Santos. 5. Ontologia do Espaço. I. Reinehr Dal  
Forno, Marlise Amália, orient. II. Cerpa Aranda, Yara  
Paulina, coorient. III. Título.

ROMULO REBELATTO

# **Ontologia do Espaço Globalizante em Milton Santos e Peter Sloterdijk**

Pelas obras Natureza do Espaço (Santos, 1996) e  
Palácio de Cristal (Sloterdijk, 2006)

Projeto de Trabalho de Conclusão do Curso de  
Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Dra.  
Profa. Marlise Amália Reinehr Dal Forno, e  
coorientação da Ma. Profa. Yara Paulina Cerpa  
Aranda

Data de aprovação: 24 de janeiro de 2023

Banca examinadora

---

Dra. Profa. Daniela Garcez Wives

---

Dra. Profa. Gabriela Dias Blanco

---

Dra. Profa. Marlise Amália Reinehr Dal Forno

## **AGRADECIMENTOS**

Aos três professores e estudiosos responsáveis pela difusão e desmistificação do pensamento de Peter Sloterdijk no Brasil: Paulo Ghiraldelli, Rodrigo Petrônio e Juliano Garcia Pessanha.

Aos meus colegas de curso, em especial aos que aprofundamos vínculos: Flávia Rodrigues Caetano, Eder Jackson dos Santos Yabel, Francine Muller e Marcos Vinicius Brasil.

A orientação durante o desenvolvimento deste trabalho das professoras Marlise e Yara.

A UFRGS, de onde estou concluindo minha segunda graduação.

E um agradecimento eterno ao Milton Santos (*in memoriam*), e sua obra, por moldar meu caráter como sociólogo.

*“A América emerge do Atlântico como um universo de reserva no qual se pode recomençar a experiência «Deus com a Humanidade» (...) oferece a inúmeros recém-chegados a experiência excitante e contrastada de um país praticamente sem dono que, pela sua imensidão só precisa de ser ocupado e construído para pertencer ao ocupante e ao construtor. (...) Por isso os sentimentos da amplidão do mundo da época moderna estão associados à experiência fundamental da América – a facilidade com se toma posse da terra e dos recursos -, e o que (...) dá origem a um tipo de camponês sem precedentes na história do mundo, que já não é servo do senhor, mas um senhor fundiário armado e autônomo, um lavrador, sob autoridade de Deus”. (Sloterdijk, 2008, p. 128)*

*“O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza mesmo são as pessoas” (Santos, 2013, p. 29)*

## RESUMO

Este ensaio consiste numa fricção do conceito de espaço que emerge na literatura de Peter Sloterdijk, e a obra *Palácio de Cristal* de 2006, e de Milton Santos, e a obra *A Natureza do Espaço*, de 1996. A proposta é encontrar uma maneira de compreender a realidade de uma chamada *des-modernidade* (movimento retrógrado do comportamento humano frente um tempo que parece retroceder no calendário físico), assim não haveria real motivo em separar analiticamente o espaço em [1] uma presença topológica e esferológica sloterdijkiana, [2] outra aproximação dialética materialista miltoniana, como se fossem objetos distintos, porque é através da análise e aglutinação dos fragmentos espaciais que encontramos o objeto de compreensão da contemporaneidade e pertencimento do homem no antropoceno. Partimos do pressuposto que Santos estuda o espaço como um objeto histórico (de dependência temporal), sociológico (o espaço se movimenta conforme o caminhar da sociedade, isto é, o espaço se reproduz), e geográfico totalizante (compreendido através de um elaborado e conciso método de análise); Sloterdijk, ao estudar a ontologia das relações intersticiais entre os espaços, acaba por também criar uma teoria filosófica e sociológica que apresenta os '*modos de habitar o mundo*' definidos morfológicamente como *esferas*. Para Peter Sloterdijk a globalização saturou-se moralmente, tecnicamente e sistematicamente, como conceito unívoco e atual, e já é um movimento datado (ela inicia no dia 03 de agosto de 1492, parte Colombo e suas três caravelas, e um fim, em 1944, com o acordo de Bretton Woods). Para Milton Santos a globalização é um movimento de organização territorial para integração dinâmica da maximização e eficácia das forças capitalistas, onde os espaços geográficos acabam se conformando como esta adição constante: mais espaço, mais território, mais lucro, mais especialização, mais movimento, com exceção do tempo, que é sempre ou conformado, diminuído ou deformado. A globalização para Santos estava entrando no seu auge na década de 1990 como um fenômeno de perversidade. O espaço para Santos é condicional, ele condiciona o registro numa assinatura temporal, seja ela geográfica ou social, e a totalidade no território nunca é homogênea, mas os fragmentos do sistema continuam agindo no lugar mesmo não havendo a totalidade. Para Santos há o espaço que une, e o espaço que separa; para Sloterdijk há o espaço de quem sai e o espaço de quem retorna. Para Santos, através da técnica, o capitalismo foi responsável pela especialização do espaço; para Sloterdijk o homem habita a modernidade em busca de um eterno mimo provendo a construção de redomas de proteção, uma arquitetura placentária de retorno ao útero materno.

**Palavras-chave:** espaço; globalização; Sloterdijk; Milton Santos; ontologia do espaço.

## ABSTRACT

This essay consists of a friction of the concept of space that emerges in the literature of Peter Sloterdijk, and the book *The Crystal Palace*, 2006, and Milton Santos, and the work *The Nature of Space*, 1996. The proposal is to find a way of understanding the reality of a so-called *de-modernity* (retrogressive movement of human behavior towards a time that seems to go backwards in a physical calendar), so there would be no real reason to analytically separate space into [1] a sloterdijkian topological and spherological presence, [2] another miltonian materialist dialectic approach, as if they were different objects because it is through the analysis and agglutination of the spatial fragments that we find the object of understanding of contemporaneity and man's belonging in the anthropocene. We start from the assumption that Santos manage the space as a historical object (of temporal dependence), sociological (space moves according to the progress of society, that is, space reproduces itself), and totalizing geographic (understood through an elaborate and concise analysis method); Sloterdijk, when studying the ontology of interstitial relations between spaces, ends up also creating a philosophical and sociological theory that presents the 'ways of inhabiting the world' defined morphologically as spheres. For Peter Sloterdijk, globalization has morally, technically, and systematically saturated itself as a univocal and current concept, and it is already a dated movement (it starts on August 3, 1492, leaves Columbus and its three caravels, and ends, in 1944, with the Bretton Woods agreement). For Milton Santos, globalization is a movement of territorial organization for the dynamic integration of the maximization and effectiveness of capitalist forces, where geographic spaces end up conforming to this constant addition: more space, more territory, more profit, more specialization, more movement, with exception of time, which is always either conformed, diminished, or deformed. Globalization for Santos was entering its peak in the 1990s as a phenomenon of perversity. Space for Santos is conditional, it conditions the registration of a temporal signature, be it geographic or social, and the totality in the territory is never homogeneous, but the fragments of the system continue to act in place even if there is no totality. For Santos there is the space that unites, and the space that separates; for Sloterdijk there is the space of those who leave and the space of those who return. For Santos, through technique, capitalism was responsible for the specialization of space; for Sloterdijk, man inhabits modernity in search of an eternal pampering providing the construction of protective domes, a placental architecture of return to the maternal womb.

**Keywords:** space; globalization; Sloterdijk; Milton Santos; space ontology.



## Sumário

1. Das grandes narrativas e da arquitetura dialética do espaço real .....	9
2. Da fixação do locus para um além-do-outro-lado-terreno .....	19
3. Do sistema de ações e da subjetivação .....	24
4. Da sociedade de paredes finas, da horizontalização e da verticalização .....	29
5. Do tráfico telecommunicativo, da informação chegada e da passagem de uma psicofera para uma tecnofera .....	35
6. Da técnica e da antropotécnica .....	40
7. Da ontologia globalizante.....	49
8. Do Palácio de Cristal e dos templos de consumo, a globalização financeira .....	55
9. Totalidade, fragmentos da realidade e des-modernização: o espaço é condicional .....	60
10. Referências .....	70

## 1. Das grandes narrativas e da arquitetura dialética do espaço real

Observamos que a grande produção acadêmica que se deu após o fim da Segunda Guerra mundial começa abarcar a concepção de uma nova realidade global, uma nova compreensão sobre deslocamento e distanciamentos globais. Entretanto, nós, como expectadores assíncronos, poderíamos afirmar que, provavelmente, estejamos diante de uma grande virada histórica deveras iniciada com a partida do homem transmarítimo, no século XV, com seus *pavoiser*<sup>1</sup>, rumo às bordas invisíveis do oceano, ao encontro de novos territórios (*territórios virtuais*) como se fossem pássaros que voam pelas alvoradas migratórias sob o amparo da fada Morgana (*fata morgana*)<sup>2</sup>. Assim, nesta tentativa de compreender este movimento de reconfiguração dos espaços globalizante, que para ambos os autores, interesse deste estudo, advém, não unicamente do encurtamento das distâncias pelo desenvolvimento do capital comunicacional da década de 1970, mas sim dessa revolução Magalhães, proponho neste ensaio<sup>3</sup> um diálogo, até então pouco abordado por outros pesquisadores e autores, as fricções que emergem entre Milton Santos e Peter Sloterdijk. Procuo, assim, manifestar a existência de um *paralelo na conceituação dialética e ontológica de espaço globalizante* (ou pertencimento do ser no antropoceno) sob o ponto de vista destes autores que parecem, a princípio, darem tratativas distintas entre si a este objeto de estudo: o espaço. O sociólogo de hoje precisa compreender a importância do lugar, pois o espaço se conforma pela ação humana, e nós negligenciamos o estudo do local para efetuarmos um estudo da localidade.

Milton Santos, *in memoriam* (1926-2001), um dos mais brilhantes intelectuais da geografia brasileira, Bacharel em Direito, Doutor em Geografia,

---

<sup>1</sup> Pavoiser, ou paveses, são os enfeites, os baluartes que os navios carregam para sinalizar, decorar ou demonstrar orgulho.

<sup>2</sup> Fata morgana é um dos vários tipos de miragens complexas que envolve múltiplas imagens, alternadamente expandidas e comprimidas verticalmente, muitas vezes dando a impressão de edifícios, penhascos etc., onde tais objetos não existem. O nome é tradicionalmente usado na Itália para as miragens vívidas vistas através do Estreito de Messina. (tradução livre). Atmospheric Optics Glossary.

<sup>3</sup> No presente trabalho optei pelo formato de ensaio acadêmico, pois trata-se de uma produção textual que facilita a autoexpressão e conversação “*analisando ou criticando as ideias e pontos de vista de outras pessoas. O objetivo de um ensaio é propor uma tese ou opinião original sobre um assunto*”. (Moreira, 2021).

condecorado com o *Prêmio Vautrin Lud*, o Nobel da geografia; negro<sup>4</sup>, baiano de Brotas de Macaúbas; inicia sua vida profissional como jornalista, abordando os problemas do negro na Bahia, termina exilado durante a Ditadura Militar, donde retorna no final da década de 1970 para lecionar na Universidade De São Paulo (USP). (Câmara dos Deputados, 2014).

Peter Sloterdijk nasceu em 1947 em Karlsruhe, Alemanha<sup>5</sup>, é um autor prolífico, fenomenólogo, Ph.D. em Filosofia e História da Literatura Autobiográfica Moderna, professor e Reitor (*aposentado*) da Escola Superior de Design, em Karlsruhe, que com sua publicação de 1983, *Crítica da Razão Cínica*, torna-se um best-seller da filosofia alemã. Desde 1992, ele é professor de filosofia e teoria da mídia na *Karlsruhe University of Arts and Design*; juntamente com o filósofo, também alemão, Rüdiger Safranski, foi interlocutor do programa de transmissão: *Das Philosophische Quartett* (O Quarteto Filosófico, em tradução livre). Na década de 1990 produz uma obra hercúlea, sua *magnum opus*, denominada projeto Esferas, dividido em três volume (Bolhas, Globos e Espumas).

Peter Sloterdijk, através de uma abordagem, que eu chamo de retentiva – “*uma memória que conserva as impressões durante longo tempo*” (Nascentes, 2018, p. 446) –, e que o próprio autor intitula como de grandes narrativas (*vide o próprio título do primeiro capítulo do Palácio de Cristal (2008) que se intitula, Das Grandes Narrativas*); Pessanha (2016) diz, que Sloterdijk traz uma narrativa que começa na pré-história, e não na Grécia e na Europa, como a grande maioria do pensamento ocidental moderno, assim permite “*constituir narrativas que retrocedam até os eventos mais primitivos*”. O filósofo de Karlsruhe, traz em suas obras uma distinta discussão às questões biopolíticas, hiperpolíticas (*isto é, políticas baseadas nos modernos e complexos meios de comunicação*), biofísicas (*sua proposta de pensar nos interstícios filosóficos do que*

---

<sup>4</sup> A complexidade da tez de uma pessoa não a define, porém ela desvela, utilizando um termo miltoniano, as rugosidades, este conceito que trata do perduro de estruturas como heranças culturais na sociedade. Assim, ser negro para Santos o caracteriza, mas não o define, como diz a economista e deputada Lídice da Mata: “*Negro, nascido no interior da Bahia, Milton Santos nunca se deixou abater pelo racismo, pelo preconceito social e muito menos se fez prisioneiro do rancor ou do ressentimento, apesar das imensas dificuldades que enfrentou ao longo dos seus 75 anos de vida*” (Câmara dos Deputados, 2014).

<sup>5</sup> Acho válido retomar aqui essa arguição que caracteriza Santos como um negro-retinto, mas não o caracteriza, pois tenho uma crítica a alguns elementos da obra de Sloterdijk, que me remetem a uma a uma impugnação de argumentos contrários: ser branco europeu parece lhe definir o pensamento. O pensamento do autor não é, de modo algum, colonizante, mas não se encontra diálogo com outros pensadores fora do eixo europeu, assim como ainda há uma predominância de enxergar o papel da Europa colonizadora como algo dado: lhe fora imputado como continente este papel.

*consideramos artificial ou natural*), metabiológicas (*supere o reducionismo entre cultura e natureza*), *domesticação do homem*, e ontologias dos espaços de imunização e afeto; uma ontologia da morfologia da esfera. Sobre a globalização, em sua obra lançada na Alemanha em 2005, *Palácio de Cristal*, considera este fenômeno chamado de globalização como uma fase final de uma marcha marítima iniciada no alto medievo, que transpassa o *Movimentos das Luzes*, e culmina em um processo de *Global Age* (Sloterdijk, 2008, p. 169), dum mundo imunizado e aclimatizado politicamente que se esfacela em espumas, onde essa “*forma-esfera totalizante se perde, e o que passa a valer são as pequenas células*” (Ghiraldelli, 2018). A análise do espaço ganha força no seu projeto hercúleo intitulado *Esferas* onde investiga como as relações individuais de proteção imunológica (que morfologicamente denomina de *bolhas*) culminarão na conformação da sociedade contemporânea, ou então como se dissolvem em espumas, estas associações ‘*co-isoladas*’ de outros pequenos espaços ônticos<sup>6</sup>. Compreendo a sua obra como um grande tratado à compreensão da *domesticação humana*<sup>7</sup> (do/pelo espaço), através do que considero uma *teoria arquetônica placentária*, e de que Ghiraldelli (2018) e Ribeiro (2013) se referem como *regressões uterinas*, que são as construções de proteção e de imunização, as construções que protegem o homem do desconhecido e do irracional, e da infinitude. Diz Ribeiro (2013) sobre este retorno-proteção do homem que “*todas as esferas são extensões e prolongamentos da experiência originária: o ser uterino*” (p. 73).

---

<sup>6</sup> Gostaria de esclarecer o reducionismo didático da explicação acima, de que a conformação morfológica das esferas, estes ‘*modos de se apresentar*’ para Sloterdijk ela não é sincrônica e hierárquica. Assume-se que as morfologias se apresentam. Elas não necessitam passar por estágios introdutórios ou conclusivos. Imaginem três esferas, uma bolha, um globo, uma espuma, então para Sloterdijk não há, necessariamente, um escalamento morfológico, senão situacional, não havendo necessidade de uma bolha se desenvolver num globo, ou um globo evoluir para uma esfera.

<sup>7</sup> Disse Sloterdijk, em 2016, durante sua apresentação do *Fronteiras do Pensamento* (UFRGS): “*Se pensarmos como a prole humana vem ao mundo, sua fragilidade e sua vulnerabilidade são quase bizarras*” – comentou, complementando que são necessários anos de cuidados para que um filhote humano alcance uma certa autonomia, inclusive sexual. Para Carlos André Moreira: “*Assim, parte desse preparo se dá pela educação, que é uma das ferramentas de domesticação do ser humano que se contrapõem, na visão de Sloterdijk, à selvageria natural. A própria palavra domesticar já trai, na raiz “doméstica”, a primeira comunidade que amaina os impulsos naturais humanos. A metáfora se expande para englobar as demais instituições que, ao longo da história, foram sendo agregadas ao projeto de civilização: as leis, os sistemas de solidariedade que unem comunidades, conceitos de nações. A existência de um projeto de civilização não invalida, lembrou o filósofo, a permanência de forças contrárias ao trabalho de domesticação da humanidade, como a visão de mundo militarista, empenhada em formar novas comunidades menores forçadas a colaborar sob estresse, e as religiões.*” (adaptado de GZH Cultura – Peter Sloterdijk discute a história como uma oposição entre selvageria e a domesticação, de 03 de outubro de 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2016/10/peter-sloterdijk-discute-a-historia-como-uma-oposicao-entre-selvageria-e-a-domesticacao-7660649.html>).

Pois agora, na espuma, tudo se mescla e se torna interseccional: casais, mães e filhos, grupos, empresas, igrejas, grupos sociais, todos dissolvem-se.

Milton Santos fora um crítico ferrenho da globalização imperialista<sup>8</sup>, este movimento que chamava de perverso, sendo sua maior colaboração ao tema a escrita de seu livro: *Por uma Outra Globalização*, do ano 2000. Diferentemente da abordagem *psico-antropo-biológica* de Sloterdijk, Milton Santos está voltado à criticidade ativa, concreta e pragmática, quiçá, muitas vezes, otimista, já que via na dimensão humana uma força motriz de combate as perversidades do sistema globalizante. Quanto ao estudo ontológico do espaço, em sua obra *Natureza do Espaço*, de 1996, Santos não está interessado na ontogênese das relações intrauterinas da conformação espacial, mas sim em produzir coerência na realidade material através da compreensão dialética da própria realidade; embora a concepção do espaço não seja unívoca em sua obra, pode ser dada como um conjunto complexo de representações de uma estrutura que se arquiteta na mutabilidade temporal através da ação humana. O estudo do espaço em Santos é um método. Nunca podemos nos esquecer deste aporte metodológico do autor ao tratar do espaço geográfico. O espaço ganha vida quando o homem aplica a técnica na natureza. Deste modo, compreendo a importância do espaço em Santos por ser um estudo histórico (de dependência temporal), sociológico (o espaço se movimenta conforme o caminhar da sociedade, isto é, o espaço se reproduz), e geográfico totalizante (pode ser compreendido através de um elaborado e conciso método de análise).

Com intuito de situar o leitor sobre a proposta de estudo de novas morfologias esféricas, proposto por Sloterdijk, autor que ainda não tem vasta abrangência da discussão acadêmica em nosso país, ao contrário de Santos, de modo extremamente sintético, podemos dizer que Sloterdijk está interessado em transpassar o paradigma vigente (presente e enraizado fortemente em todas as teorias sociológicas utilizadas no século XX, e que perduram até hoje no século XXI) dos fenômenos que promovem e descrevem a unidade social através de uma visão holística, que busque a categorização e produção de totalidade. Parte do pressuposto que a vida humana acontece em espaços envolvidos por sistemas imunológicos, os atos e potências que nos propiciam proteção, aconchego, mimo e sobrevivência - e que dão sentido àqueles humanos que habitam um

---

<sup>8</sup> Para saber mais: “**O mundo global visto do lado de cá** – Milton Santos, por Silvio Tandler”. Disponível em: <https://arlindenor.com/2014/09/04/o-mundo-global-visto-do-lado-de-ca-milton-santos-por-silvio-tandler/> (acessado em agosto de 2022).

espaço ôntico (real). A episteme de Sloterdijk parte não de uma ontologia humana, mas sim de uma ontologia de mamíferos, pois “*a filosofia teria conduzido às sombras e ao esquecimento as longínquas etapas da nossa morfogênese: a nossa condição de mamífero*” (Ribeiro, 2013, p. 79). Sloterdijk, neste processo de criação de uma teoria baseada em conformações morfológicas que abranja os espaços intersticiais, dotados de relações ontológicas, acaba por também criar uma teoria filosófica e sociológica, muito amparada pela biologia e pelas metabiologias: a biosofia<sup>9</sup>. Assim, os espaços intersticiais propostos por esta nova morfologia de Sloterdijk são, a saber, as (a) microesferas ou campo das intensidades fortes, ou campo das relações antológicas fortes, denominados de **bolhas**; (b) as macro-esferas, ou sistemas imunológicos imperiais, denominados de **globos**, (c) e as ‘os-feras’ compostas e múltiplas, dissolvidas, chamadas de **espumas**. Compreendamos assim, esferas como modos de habitar o mundo; esferas são unidades diádicas e relacionais, assim, o *projeto esferas*, como sugere o próprio autor, é uma antropologia dos espaços vividos e habitados e não abstratos:

Que a vida é uma questão de forma, essa é a tese que associamos à venerável expressão "esfera", dos filósofos e geômetras. Ela sugere que viver, constituir esferas e pensar são diferentes expressões para uma mesma coisa. Nessa medida, a referência a uma geometria esférica vital só faz sentido se admitirmos que existe uma espécie de teoria que sabe mais sobre a vida do que a vida ela própria - e que, **por toda parte onde existe a vida humana**, seja ela nômade, seja sedentária, surgem bolas habitadas, itinerantes ou presas ao solo, que, por um certo aspecto, são mais redondas do que tudo que pode ser desenhado com círculos. Os livros seguintes estão dedicados à tentativa de sondar as possibilidades e os limites do vitalismo geométrico. (SLOTERDIJK, 2016, p. 14) (grifo meu)

A conceituação do espaço em Santos está longe de ser unívoca, pois fora constantemente revisitada pelo autor durante sua extensa produção acadêmica<sup>10</sup>. Para

---

<sup>9</sup> Para saber mais: em Esferas III, diz Sloterdijk (2006): “*Es evidente que se ha agotado la forma de pensar y de vida de la vieja Europa, la filosofía; la biosofía acaba de comenzar su trabajo, la teoría de las atmósferas se acaba de consolidar provisionalmente, la teoría general de los sistemas de inmunidad y de los sistemas de comunidad está en sus inicios*”. [é evidente que se atacou a forma de pensar e da vida da velha Europa, a filosofia; a biosofia acaba de comentar seu trabalho, a teoria das atmosferas acaba de se consolidar provisoriamente, a teoria geral dos sistemas de imunidade e dos sistemas de comunidade estão em seus inícios (tradução livre)].

<sup>10</sup> A respeito desta ambiguidade, por exemplo, no livro de 1996, A Natureza do Espaço, o espaço é se consolida como uma forma-conteúdo, um conteúdo que não existe sem a ‘*forma que o abrigou*’ (SANTOS, 2022, p. 23), e que na emergência da atualidade do mundo, seu molde repousa na forma hegemônica.; no

explicitar esta constante metamorfose que ocorre entre a dissolução e recriação do sentido de espaço em Santos, partamos do pressuposto de que ele próprio diz existir uma *inseparabilidade dos objetos de ações*, sendo a “*técnica como um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço*” (Santos, 2022, p. 29), já que propõe na linha inicial do primeiro capítulo da referida obra: “*É por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica*” (id., *ibid.*, p. 29). Tão simples essa colocação parece quando feita sob olhares expeditos, entretanto ela demarca o campo teórico para a construção do objeto de estudo do autor: espaço como resultante da relação entre a transformação histórica material e imaterial na natureza, assim o espaço se cristaliza como um “*conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações*” (id., *ibid.*, p. 63).

Desta definição de olhar o espaço como método, em Milton Santos, parto também do pressuposto que o principal modo de transformação social e a produção da materialidade histórica advém da relação entre o homem e a natureza; sendo pela técnica, e tecnologia (uso da técnica), que ele transformará e dará forma ao meio natural, pois, uma vez, este espaço, constituído, podemos expandi-lo pela concretude das formas físicas, porque o espaço é, senão, uma pequena representação de um todo social, e “*a sociedade em geral não são mais que um real abstrato, o real concreto sendo uma ação, relação ou produção específicas, cuja historicidade, isto é, cuja realização concreta somente pode dar-se no espaço*” (id., *Ibid.*, p. 120).

Santos está interessado na criação de categorias que produzam uma teoria da totalidade que se inicia com a concepção de uma *metageografia* (id., *ibid.*, p. 113-114). Parte, da concepção que a totalidade permite o conhecimento da realidade histórica, pois “*o processo histórico é um processo de separação em coisas particulares (...) o todo somente pode ser conhecido através do conhecimento das partes e as partes somente podem ser conhecidas através do conhecimento do todo*” (id., *ibid.*, p. 120). Assim, conclui, como a totalidade vai somando unidades, densificando-se na complexidade – e complexidade não deve ser confundida com desordenamento; esta totalização permite reconhecer as estruturas internas da realidade concreta. Mas, poderíamos nos perguntar,

---

*Metamorfoses do Espaço Habitado*, lançado em 1988, o espaço é visto como uma configuração territorial que abriga uma relação social; na obra *Por uma Geografia Nova*, lançada em 1978, Santos considera o espaço como um conjunto de fixos e fluxos.

que se esta realidade, em devir, vai se renovando com adições, como aprendê-la? Para Santos, a compreensão da totalidade está na *cissiparidade*, o esfacelamento em minúsculas partículas da totalidade, ao ponto de captar o movimento da transformação (id., ibid., p. 116-118).

Em Sloterdijk observamos este mesmo movimento de dar realidade ao abstrato só que por uma distinta diferença, a da não universalização e categorização, igual observamos em Santos. Embora a análise do autor resulte num movimento topográfico, isto é, emergindo a criação de um outro campo de conceitos que abarquem uma dissolução e desvinculação das categorias *cultura, natureza e biologia*, criando a concepção de esferas de pertencimento e meio, a avaliação de Sloterdijk não é dada pelo universal, mas pela particularidade destas esferas<sup>11</sup>; e, se tentarmos partir para universalização e explicitação de conceitos, acabamos por navegar em movimentos de espumas (ou dissoluções da modernidade). Para que o estudo do movimento da realidade ocorra, para Ribeiro (2013) é necessário vislumbrar o projeto topológico esferas como uma continuidade em devir deslocamento aos estudos de Heidegger. Uma das bases do Heidegger, a crítica pungente à metafísica, é que pela percepção da fenomenologia você propõe uma destruição fenomenológica da Filosofia, isto é, para Heidegger os conceitos matriciais da Filosofia (constelação das ideias conceituais que abrangem toda filosofia, como, por exemplo, substância, alma, mortalidade, espírito, ideias etc.), são cristalizações e abstrações do princípio primeiro dos fenômenos (Ribeiro, 2017). Partindo do pressuposto que se implodirmos estes conceitos, para Sloterdijk, estaríamos *pari passu* da construção de uma nova topologia, pensando a partir da temporalidade espacial, o *lugar-situado*; assim, não mais fazendo uma referência direta ao *dasein*, mas sim ao *mitsein* (ser-com) que Heidegger não desenvolveu por completo em sua obra (Ribeiro, 2013 p. 19-20). Santos continua com a proposta inicial de Heidegger, na qual “*o onde determina o como do Ser, porque Ser significa presença*” (Heidegger, 1992, p. 90 apud Santos, 2022, p. 92). Deste modo, Sloterdijk inverte a aposta de Heidegger e de Santos, dialogando com os conceitos de espaços de intimidade e proteção imunológica que não

---

<sup>11</sup> Para Sloterdijk (2012, p. 298 apud RODRIGUES e MARTINS, 2022), é preciso, no entanto, saltar do universal para uma cultura-mundo. Isto é, elaborar uma gramática de comportamentos que possa servir como conjunto de disciplinas em constante sofisticação e atualização dos universais. somente assim será possível a superação da crise multicivilizatória e a cooperação comum para a construção de um palácio de cristal sustentável e acessível à todas as formas de vida.



foram ampliados em discussão por Heidegger, principalmente da obra *Ser e Tempo*, conforme levantamento do Prof. Dr. Rodrigo Petrônio Ribeiro<sup>12</sup>:

Pensador em embate com forças da filosofia contemporânea semelhantes a essas trabalhadas por Foucault e Deleuze, ao partir da analítica do Dasein de Heidegger, que ecoa ao longo de Esferas, Sloterdijk produz uma drástica inversão dos postulados do pensador da Floresta Negra. A sua leitura procura solucionar essas mesmas aporias do pensamento de Heidegger, mas por caminhos distintos dos tomados por Deleuze, Foucault e outros. Isso ocorre porque, ao invés de insistir no desgastado caminho da filosofia contemporânea de demolição da metafísica, ele consegue superá-la a partir de seus próprios princípios. De que modo? Deslocando o acento do Dasein (ser-aí) para o Mitsein (ser-com). (*id., ibid., p. 20.*)

Todavia, em Santos encontramos este mesmo ímpeto de críticas ao sistema acadêmico vigente; observe no trecho que seguir-se-á citado como o intelectual constata que outros autores compreenderam que a atuação humana sobre a materialidade e imaterialidade vigente é resultado da intervenção humana na natureza por um sistema de relações e ações; entretanto pontua o erro; por exemplo, de os economistas errarem por somente levarem em conta a materialidade, e os sociólogos por levarem em conta somente o abstratismo das relações<sup>13</sup>.

Assim, minha motivação neste ensaio inclui a discussão deste distinto objeto-estudo geográfico e sociológico: o espaço; para além de uma revisão teórica da ontogênese do conceito/categoria espaço-globalizante<sup>14</sup>, para uma taticidade que acrescente observar a proposta de des-modernidade contemporânea. Acredito, que se proponho que vivamos num processo nomeado de *des-modernidade (um movimento, ou*

---

<sup>12</sup> Diga-se de passagem, que Rodrigo Petrônio Ribeiro, juntamente com Juliano Pessanha, são as maiores autoridades acadêmicas brasileiras em estudos de Sloterdijk.

<sup>13</sup> Santos toma como modelo as críticas que o sociólogo Bernward Joerges<sup>13</sup> executa para além da sua posição acadêmica: “*Historiadores da ciência e especialistas da técnica, como é o caso de B. Joerges (1988, p. 16), lamentam o fato de que nos estudos históricos a realidade dos sistemas técnicos apareça como um dado entre aspas, faltando a conceptualização. Esse mesmo autor critica, também, a posição dos economistas, quando estes frequentemente falam de empresas, mas não fazem referência aos objetos com que elas trabalham. Tal crítica, aliás, é mais ampla, incluindo sociólogos e cientistas políticos, apontados por não levarem em conta coisas tais como barragens, condutos, geradores, reatores, transformadores, como se não fosse necessário reconhecer que a tecnologia embutida nos objetos constitui matéria central da análise sociológica. Para Joerges, não basta que a tecnologia seja considerada apenas por analogia com outros fenômenos sociais.*” (SANTOS, 2008, pp. 30-31).

<sup>14</sup> Acho válida esta separação conceito/categoria do objeto espaço globalizante, pois como já mencionado Sloterdijk não é um autor que trabalha com a categorização, diferentemente de Santos.

*até mesmo momento temporal, duma consolidação de eventos, que sofrem com o tensionamento de forças antagônicas que impelem um retorno epistemológico e racional do pensamento da grande massa social para um período de tensionamento anterior a racionalização romantizada pelo período das luzes)*<sup>15</sup>, é também necessária uma proposta de superação da unicidade do materialismo histórico; entretanto, é necessário esclarecer, que aqui estou propondo uma discussão da superação da unicidade do materialismo histórico, não de sua validade. Acredito que são necessárias outras abordagens epistemológicas que compreendam uma indissociabilidade entre o objeto cultural e o objeto biológico que habitam este espaço. Diante disto, proponho uma fricção entre a abrangência materialista dialética do espaço de Milton Santos, e a abrangência diádica que surge da teoria esferológica de Peter Sloterdijk. Assim, de maneira muito sintética, porém válida para fins didáticos, podemos extrapolar, para esta proposta ensaística, que utilizamos Santos como um autor que nos permite trabalhar com o macro da estrutura da realidade, enquanto Sloterdijk nos permite detalhar a micro da estrutura das particularidades.

---

<sup>15</sup> Em suma, a categoria *des-modernidade* aqui apresentada neste trabalho, ela é proposta tanto como crítica de um movimento ascendente, como crítica de uma modernidade romantizada do período iluminista e racional; uma modernidade e uma modernização da técnica que se permeou pelo meio, porém, sabemos que a difusão e o acesso aos objetos técnicos nunca são os mesmos em distintos territórios. A des-modernidade, assim, como categoria proposta, permite-me buscar uma ação-explicativa para este tensionamento de retro-ação (*abobalhamento*) do pensamento racional humano, e não, necessariamente, exprime uma explicação direta destes autores para esta categoria.

<b>Ontologia do Espaço Globalizante em Peter Sloterdijk e Milton Santos</b>	
<b>Espaço</b>	<p>Santos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Espaço que une e espaço que separa</li> <li>— As forças verticalizantes (do capitalismo) são responsáveis pela especialização do espaço</li> <li>— Universalização e categorização do espaço</li> <li>— Nos geografizamos pelo dasein - o onde determina o ser</li> </ul> <p>Sloterdijk</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— O espaço de quem sai, e o espaço de quem entra</li> <li>— O homem habita a modernidade em busca de mimo, proteção imunitária e criação de uma arquitetura placentária de retorno uterino</li> <li>— Criação de uma topologia de relações entre o objeto e o espaço</li> <li>— Nos subjetivamos pelo mitsein, a relação com os espaços intersticiais determina o ser</li> </ul>
<b>Etapas da Globalização</b>	<p>Santos</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Expansão marítimas europeia do século XV</li> <li>2) Globalização do capitalismo industrial (meados do século XIX e XX)</li> <li>3) Pós Segunda Guerra ocorre um avanço tecnológico-informacional</li> <li>4) Globalização pós 1990</li> </ol> <p>Sloterdijk</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Esferização do mundo</li> <li>2) Desprendimento do útero europeu pelas grandes navegações</li> <li>3) Pós Segunda Guerra - ocorre um avanço tecnológico que leva ao final do que chamamos por globalização</li> <li>4) Movimento de dissolução em espumas</li> </ol>
<b>Intencionalidade da colonização</b>	<p>Santos — Há um sistema hegemônico que delimita a ação — "eu mereço"</p> <p>Sloterdijk — Há um sistema divinatório que conforma a ação — "eu mereço"</p>
<b>O homem europeu marítimo</b>	<p>Santos — Com a difusão do homem europeu, também se difunde a técnica.</p> <p>Sloterdijk — O europeu que rompe os laços uterinos com a Santa Sé se achou progressista e desbravador do novo mundo.</p>
<b>Intencionalidade da ação</b>	<p>Santos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Ação intencional do sujeito sobre o objeto aparece de forma verticalizante (sob ação de forças hegemônicas)</li> <li>— Os atos são orientados e dão sentido aos objetos, gerando 'eventos'. O evento é o cerne da interpretação geográfica.</li> <li>— A intencionalidade é o corredor que liga o sujeito ao objeto e permite uma leitura/releitura das relações entre ação e objeto.</li> </ul> <p>Sloterdijk</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— O homem criou a necessidade de um contrato divinatório para conformar as ações dos sujeitos postos no mundo. Assim, o homem se acha merecedor da terra prometida.</li> <li>— Para Sloterdijk passamos de um período onde o design criado de uma imunização coletiva do espaço ao design individualista.</li> <li>— As ações do homme monde (homem que amava a sociedade) se volta para para o homo habitans (o que se recolhe na solidão)</li> <li>— A ação de ser sujeito está em encontrar o motivo que liberta o homem a praticar uma ação</li> </ul>
<b>Técnica</b>	<p>Santos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Técnica é diferente de tecnologia</li> <li>— Técnica gera o espaço — A própria humanidade se desenvolve gerando espaço pela técnica</li> </ul> <p>Sloterdijk — Antropotécnicas — As antropotécnicas permitem antever o sujeito por meio de uma ginecologia negativa (um eterno retorno ao útero)</p>
<b>Sistema técnico informacional (hipercomunicação midiática)</b>	<p>Santos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Há uma convergência dos momentos advindos de sistemas de comunicação planetários (satélites) e quem mais se beneficia é o sistema financeiro.</li> <li>— Uma rede de telecomunicação que é operada por poucos e sofre influência de filtros, pois as informações não chegam a todos os lugares propositalmente.</li> <li>— Informação informatizada altera a divisão internacional do trabalho</li> </ul> <p>Sloterdijk — Invólucro virtual de hipermidia é a constituição da hipercomunicação da infoesfera ocidental — Este invólucro diminui as distâncias mas gera uma epidemia de misantropia</p> <p>Pensamento</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Santos — Dialético</li> <li>— Sloterdijk — Diádico</li> </ul>
<b>Atuação de forças hegemônicas</b>	<p>Santos — Forças horizontais e verticais consolidam os fixos e fluxos</p> <p>Sloterdijk — A imunização dos espaços pode ser compreendida pela poética política (geopolítica)</p>

## 2. Da fixação do locus para um além-do-outro-lado-terreno<sup>16</sup>

Para Sloterdijk, a objetivação do *locus* pelo homem surge do movimento pelo qual ocorre uma fixação e, também, uma evolução *onto-morfológica* deste quando inserido neste ‘*espaço-interno-do-mundo*’, para essa “*estufa que arrastou tudo antes era exterior para seu interior*” (Sloterdijk, 2008, p. 22) criando um ambiente propício para uma nova linguagem: a de que agora ‘*ser-humano*’ é possuir poder de compra, e ser livre é ter autonomia para comprar ou produzir seus artefatos. Para Sloterdijk, na antiguidade, a humanidade era detentora de um regime metafísico que compreendeu que a noite dura metade de um tempo, e que na Terra, ou tudo morre ou tudo se decompõe, lhes impondo reservar um mundo superior tal que a morte não atinja, e mantenha o homem não como um ‘*ser mortal*’, mas um ‘*ser provisório*’. Enquanto na modernidade coube ao geógrafo desenhar e apresentar a Terra como uma bola, todos outros construtores de globos (cosmógrafos e mundólogos que trabalharam no aperfeiçoamento cartográfico) não foram felizes na criação de espaços imunizadores, ao passo que esta tarefa “*exige que encarem o seu planeta de fora e recusa-se a admitir que os espaços externos sejam um simples prolongamento de uma imaginação sócio-uterina, provinciana, doméstica e gregária*” (id., *ibid.*, pp. 22- 31)

Santos explicita também a dicotomia presente no espaço, assim ele é um espaço que une e um espaço que separa. Diz, parafraseando Lefèbvre (1974, P. 121, apud Santos, 1982, p. 21), “*a forma do espaço social é o encontro*” enquanto a forma do espaço-natureza seja a dispersão. Santos propõe que uma das diferenças na ocupação do espaço pelo homem, tanto dos demais animais como de os objetos-técnicos é esta capacidade de preenchimento do espaço; mesmo que seja um preenchimento físico, diz

---

<sup>16</sup> Neste capítulo produzo uma síntese ontológica do desbravamento do homem europeu para o além-mar, focado muito mais no aporte teórico de Sloterdijk para trazer a compreensão deste sentimento de ímpeto do homem que antes era da terra e parte para o além-mar. Primeiro, porque esta visão romantizada de casas beira-mar é uma criação do capitalismo moderno, pois as pessoas temiam o mar. Segundo, que gerou-se o que no capitalismo contemporâneo chamamos de ‘*empresários*’, nada mais são do que metamorfoses de antigos saqueadores, desbravadores, exploradores e turistas. Proponho que a obra de Sloterdijk (2008) caminha, numa parte inicial, para a construção de um grande tratado antropológico da globalização que explica o desprendimento do homem do útero europeu, um movimento de ekstaseis náutica (uma transcendência náutica), pois “*quem pisa a ponte do navio, tem de ter rompido com a dependência para com os conceitos terrestres da morte e da vida*” (id., *ibid.*, p. 88). Embora esta narrativa seja grandiosa, ela coloca o europeu dotado de uma opinião progressista (id., *ibid.*, pp. 90-92), de imperturbável avante, mas que não me parece livre de críticas, principalmente porque continua deslocada para um pensamento colonizante que ainda vê os outros territórios, os além da Europa como filhos de uma nação de desbravadores, velando a existência de fluxos da materialidade: a de exploração e saques, que podemos contribuir pela análise miltoniana.

“enquanto nossas cidades crescem, a distância entre os homens aumenta” (Doxiadis, 1966, apud Santos, 1982, p. 21). Esta especialização e singularização do espaço é um subprocesso capitalista, da “multiplicação das ações que fazem do espaço um campo de forças multidirecionais e multicomplexas, onde cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais” pela força motriz da hegemonia de capital. (Santos, 2012, p. 38).

A modernidade altera a localização dos humanos no espaço. A própria noção de verticalidade se apresenta como dessemelhante, diz Sloterdijk (2008), de maneira que a Terra não é mais um fim ante um regresso. O *lá-fora* agora é regresso para o aqui. Se antes na Antiguidade olhava-se a Terra a partir do céu, na Idade Média estas representações de ‘*ascensão*’ serão substituídas pela ‘*representação vertical de voo*’; por exemplo, se hoje temos o conceito de *Terra-viagem-espacial* (de onde os ônibus espaciais decolam para o cosmo, mas com um cronograma de retorno), logo o substituiremos pelo conceito de *Terra-Aeroporto* onde o homem levantará voo para nunca mais regressar (Sloterdijk, 2008, p. 32). Isso ocorre porque agora somos seres de técnicas. Entretanto, se a Terra é o astro que o homem regressa, a Europa, “*continuava a distinguir-se como célula inteligente do Universo*” (id., ibid., p. 33), ironicamente diz Sloterdijk, e que coube a Alexander von Humboldt guiar este homem para este regresso “*da natureza das dimensões astrais e oceânicas*” (id., ibid., p. 33) através de um movimento de ‘*viragem transcendental*’, isto é, no ato de recolhimento “*do sujeito cognoscente ao seu próprio dispositivo cognitivo*” (id., ibid., p. 34). A epítome deste homem, que Sloterdijk considera um *homo habitans* (id., ibid., p. 36), ou seja, um homem que habita a modernidade e sente-se seguro com o seu conhecimento do Cosmos, é o de recolher seus pensamentos para o uterino; com isso descobre-se num habitat e com capacidade de autorreflexão.

Após as primeiras grandes navegações, o entendimento do espaço, pelo homem (europeu), modificar-se-á: agora não mais é um espaço circum-navegado onde todos os pontos cardeais possuem valores igualitários; neste processo de representação do espaço, os seres humanos despedem-se de seus casulos denominados lares, e “*deixam de poder sentir-se em casa nos seus espaços-interiores-de-mundo*<sup>17</sup>” (id., ibid., p. 35). “*O locus é o ponto do mundo conceptualizado onde os 'ai-nados' se apercebem como*

---

<sup>17</sup> Sloterdijk (2008) diz ter apanhado esta expressão do poeta Rainer Maria Rilke, como observa-se numa força do homem moderno buscar suas próprias forças através de um animismo poético, um ‘habitar poético’.

*apercebidos do exterior; é para ele que os circum-navegantes regressam a si próprios.*” (id., ibid., p. 38). Assim começa um processo de globalização da Velha Europa, onde os navegadores que fazem este elo com o explorado transformaram a superfície da terra num possível endereço do capital. Neste momento, acabamos com a antiga segurança imunológica que poderíamos ter construído neste processo de globo-formação (europeu), para adentrarmos na conceituação topológica moderna: “*as pessoas são criaturas vivas que existem na margem de um corpo redondo irregular – um corpo que enquanto todo, não é um útero, nem um vaso, e nem tem a oferecer um abrigo onde estejamos em segurança*”. (id., ibid., p. 39); uma segurança protetora que lembra Sérgio, personagem do Ateneu, quando ganha acolhimento nos cálidos braços de dona Emma, expressa este retorno de um sentimento uterino: “*absorvendo-me na contemplação da manhã, penetrado de ternura, inclinei a cabeça para o ombro de Ema, como um filho, entrecerrando os cílios, vendo o campo, os tetos vermelhos como coisas sonhadas em afastamento infinito, através de um tecido vibrante de luz e ouro*” (Pompéia, 1996, p. 174).

A procura das Índias por Colombo, este *messias náutico*<sup>18</sup>, e seu '*ato de heroísmo náutico precoce*' (Sloterdijk, 2008, p. 41), o levou a uma '*desorientação revolucionária*' (id., ibid., p. 41) que caracterizou a globalização também ser sinônima de *ocidentalização* e *ocidentalização*, além de propiciar uma mudança no elemento dominante da época moderna: da terra à água. Estas navegações, ao retornarem para a Europa, este termo que nominamos de *descobrimto* designava, na verdade, um investimento – que é um caso específico de risco. Este risco do investimento irá gerar um tipo específico de homem que compreende que os danos e dívidas podem funcionar como experiência de crescimento pessoal, sendo o novo personagem da modernidade, o '*devedor-produtor*' (id., ibid., p. 55), ou como chamamos hoje: empresários, pois "*são os devedores-produtores que começam a fazer girar a roda da permanente circulação do dinheiro na*

---

<sup>18</sup> No capítulo *Loucura e Tempo – Do capitalismo e da Telepatia*, Sloterdijk (2008) elabora um estudo sobre o **sistema de demência** que justifica os atos irracionais do lançamento dos portugueses ao mar, '*vontade messiânica*' de Colombo, que até se intitulava como messias náutico. Assim "*sem a loucura do êxito, não há projeto; sem projeto, não há nenhuma oportunidade de contaminar outras pessoas com a sua própria febre*". (id., ibid., 62) Entretanto aquilo que chamamos de '*expansão europeia*' não pode ser vista como uma missão cristã, senão o contrário: a grande distância permitiu se livrar desta atividade. Dirá que esta loucura do êxito será aperfeiçoada pela América do século XX e reimportada pela Europa através de uma indústria de consultoria, ao ponto que há um contínuo que hoje impregna toda época moderna: "*a busca de caminhos que permitam transmitir às práticas profanas saberes relativos à salvação*", por exemplo "*a adaptação do budismo zen a uma clientela resolutamente não meditativa*".

*época da burguesia. O fato central da época moderna não é que a Terra gira em volta do Sol, mas que o dinheiro gira à volta da Terra.*" (id., ibid., p. 55). Ao promover seus projetos de explorações náuticos junto a Coroa Católica Espanhola, tanto Colombo, quanto demais navegadores da época, acreditavam que a porção aquática do globo terrestre não seria superior a um sétimo da sua extensão. Esta visão romantizada do mar e das montanhas, como um objeto de descanso laboral, é proveniente da sensibilidade urbana moderna, diz Sloterdijk. O mar como concepção de praia é um objeto de construção capitalista moderna. A percepção de uma vida exuberante de classe mais abastadas com suas residências em regiões costeiras, mais precisamente beira-mar, é moderna, pois quem morava em zonas costeiras sempre traduzia seu ódio ao mar pelas visões catastróficas e apocalípticas em relatos, contos, lendas e músicas (id., ibid., pp. 35-55).

Para a construção de um conceito e fixação de *locus será* o turista das grandes navegações, leia-se acompanhante de viagem, "*uma grandeza integrada no programa da modernidade*", segundo Brockhaus (apud Sloterdijk, 2008, p. 46) um viajante sem determinação científica, mas que desfruta do ato de viajar para depois a descrever. Diferentemente do que aconteceria com o personagem Phileas Fogg, do livro *Viagem ao Mundo em 80 Dias*, de Júlio Verne, que acaba sendo um cliente do serviço de transporte, "*que paga para que a sua viagem não se torne uma experiência de que haja que dar conta posteriormente*" (Sloterdijk, 2008, p. 46). Phileas Fogg passa a representar o turista do mundo contemporâneo, que viaja de janelas fechadas, apático, e que se recusa a descobrir o mundo. Assim, para Sloterdijk essas atitudes anunciam um grande fenômeno de massas do século XX - o turista hermético do tudo-incluso. O turista que está nos lugares sem estar, em ambos os sentidos, de estar fisicamente e estar alienado à realidade, assim como estar presente virtualmente, mas não fisicamente.

Como podemos explicar este ímpeto do europeu se lançar ao mar, este *além significativo*<sup>19</sup> (não uma além lá-de-cima, mas um além do-outro-lado terreno) para que se evite a meia volta e retorno do barco para a Europa? Proponho que a obra de Sloterdijk (2008) caminha, numa parte inicial, para a construção de um grande tratado

---

<sup>19</sup> Sloterdijk (2008) escreve as primeiras navegações transatlânticas como '*técnica informal de êxtasis*' (já que os navegadores, iguais xamãs, obtinham a informação de um *além significativo*, uma transcendência que não vinha de graça: dado a quantidade de pessoas que se largaram ao mar sem informação e morreram de fome, de doenças, de adversidades. (id., ibid., p. 86).

antropológico da globalização que explica o desprendimento do homem do útero europeu, um movimento de *ekstaseis náutica* (uma transcendência náutica), pois “*quem pisa a ponte do navio, tem de ter rompido com a dependência para com os conceitos terrestres da morte e da vida* (id., ibid., p. 88). Embora esta narrativa seja grandiosa, ela coloca o europeu dotado de uma opinião progressista (id., ibid., pp. 90-92), de imperturbável avante, mas que não me parece livre de críticas, principalmente porque continua deslocada para um pensamento colonizante que ainda vê os outros territórios, os além da Europa como *filhos de uma nação de desbravadores*, velando a existência de fluxos da materialidade: a de exploração e saques.

Acabei por aprofundar muito a produção de uma resposta fenomênica ao ímpeto das grandes navegações serem de caráter imanente ou transcendente ao europeu do século XV, pois contém a representatividade de dois terços da obra *Palácio de Cristal*, de Sloterdijk (2008). Embora Santos não faça um estudo ontogênico dos navegadores portugueses e espanhóis, contribui à compreensão da arquitetura global estabelecida por este movimento expedicionário, muito pela convergência do que estabelece como sendo uma unicidade temporal, técnica, e econômico-social, pois “*essas três (...) são a base do fenômeno da globalização e das transformações do espaço geográfico*” (Santos, 2022, p. 189). Assim, a morfologia da conformação do espaço globalizado em Santos após o século XV será uma arquitetura que abranja a difusão do fenômeno técnico deste evento. Santos parte do seguinte: quando os grupos se encontram, por imposição ou por escolha, as técnicas são difundidas para que os sistemas técnicos sejam desterritorializados. Diz: “*No começo da história social do planeta, havia tantos sistemas técnicos quantos eram os lugares e os grupos humanos (...) assim, os sistemas técnicos eram locais*”. (id., ibid., p. 189) Assim, após as grandes navegações, as técnicas que antes eram particulares, se *contaminam* pela troca, no entanto, consolidando, primeiramente, uma concorrência de política comercial, e não tecnológica. A técnica universalizante, atual, dirá Santos (id., ibid., p. 190), emerge no fim da Segunda Guerra Mundial pelas vias de um grande Estado Nacional hegemônico, verticalizante, e com o avanço das ferramentas da informação e do consumo. Implicar na existência de uma “*unicidade técnica não significa presença única de uma técnica única*” (id., ibid., p. 193), senão isto implicaria em *varrer* (id., ibid., p. 193) o passado; deste modo, este termo, universalidade das técnicas, acaba por ser mais



conhecido aos antropólogos<sup>20</sup>, mas hoje cabe nossa compreensão de ser uma universalização invasora<sup>21</sup> denominada: difusão global (ou globalização).

### 3. Do sistema de ações e da subjetivação<sup>22</sup>

Transcrevendo o pensamento de Philippe e Geneviève Pinchemel (1988, p. 40 apud Santos, 2022, p. 77), Santo parte do pressuposto de que atos possuem um comportamento orientado, isto é, de que “*os homens são seres de ação: eles agem sobre si mesmos, sobre os outros, sobre as coisas da Terra*”; de Moles, a ação como “*um deslocamento visível do ser no espaço, criando uma alteração, uma modificação do meio*” (Moles 1974, p. 264 apud Santos, 2022, p. 77); de Marx e Engels, que o homem exerce trabalho sobre a natureza para mudar o meio, assim realizando tanto uma mudança na natureza íntima, quanto na externa (Santos, 2022, p. 77). Desta maneira, somente “*o homem tem ação, porque só ele tem objetivo. As ações (...) não se restringem aos indivíduos, incluindo, também as empresas e instituições*” (id., ibid., p. 82). Porém, uma ação somente se exerce pelo uso do gasto da energia, que por conseguinte esta dependerá do campo de regras da rede (técnica) envolvida. Assim, Santos afirma que as ações locais na verdade se tornam operações de longa distância, e desta forma, a escala de realização (do aqui, onde a ação ocorre) difere da escala do comando (de onde surge a ideia e planejamento da ação). Santos ressalta a importância da ação e do ato humano para a

---

<sup>20</sup> diz Santos (2022), por exemplo, Leroi-Gourhan, quando estuda que objetos semelhantes surgem em lugares e tempos distintos, também por grupos distintos.

<sup>21</sup> Para saber mais, no capítulo 8 (A Unicidade da Técnica), Santos (2022) parte do pressuposto de que a universalização das técnicas no pós-Segunda Guerra é considerado um sistema invasor, pois acaba se impondo sobre os subsistemas espaciais, ocorrendo exclusivamente pela evolução das técnicas de comunicação. Assim, nesta perspectiva miltoniana, a difusão das técnicas primeiramente se dá na ordem horizontal do território, depois convergindo para um movimento vertical.

<sup>22</sup> O objetivo deste capítulo é formular uma resposta para a seguinte pergunta: ‘*como poderíamos interpretar os fenômenos sociais e a intencionalidade a partir da leitura da Natureza do Espaço, em Milton Santos, e Palácio de Cristal, em Peter Sloterdijk?*’.

determinação do espaço<sup>23</sup>, já que “*são as ações que, em última análise, definem os objetos, dando-lhes um sentido*”. (Santos, 2022, p. 86)<sup>24</sup>.

O equívoco, dirá Santos, estaria em não compreender que conceitos em disciplinas distintas não passam de metáforas, e que metáforas são como “*flashes isolados e não permitem teorizações*” (id., ibid., p. 86). Entretanto, será que “*atribuir um sentido aos objetos não será, também uma metáfora?*” (id., ibid., p. 98). Compreendo que muito desta resposta carrega o caráter linguístico do próprio português, já que o verbo ser e estar são distintos, o que acalanta a responsabilidade de que para um objeto não bastaria somente *existir*, mas *estar* (e quando está, ele está para alguém). Para Santos a resposta está em como Ollman e Baudrillard resolveriam esta questão: através da discussão sobre a *não-vida-própria* dos objetos, isto é, uma inexistência fora das atividades simbólicas sociais.

Estou formulando, devo esclarecer, ao longo destes parágrafos, uma resposta para a seguinte pergunta: ‘*como nós, sociólogos, poderíamos interpretar os fenômenos sociais a partir da leitura da Natureza do Espaço em Milton Santos?*’ Bom, seria através do estudo de eventos e das ações humanas, como o próprio Santos sugere, pois “*os eventos estão no próprio cerne da interpretação geográfica dos fenômenos sociais*” (id., ibid., p. 95). Saliento, que eventos são uma interpretação da imprevisibilidade que a ação humana exerce sobre o espaço. Entretanto, diz Santos, também, a intencionalidade, este *tema central da geografia* (id., ibid., 94), algo “*eficaz na contemplação do processo de produção das coisas*” que resultam da relação homem-mundo. Assim, a intencionalidade, esta “*espécie de corredor entre o sujeito e objeto*” (id., ibid., p. 91) “*permite uma outra releitura das relações entre objeto e ação*” (id., ibid., p. 89) e não há de ser analisado separado de objeto, separado de ações, senão do conjunto dos dois.

Santos diz que “*o que chamamos de sociedade somente adquire concretude quando a enxergamos simultaneamente como continente e como conteúdo dos objetos*” (id., ibid., p. 95), assim se optarmos por analisar um período histórico qualquer, ele se afirma não somente como correspondente de técnicas e de objetos, mas

---

<sup>23</sup> Através da leitura proposta de *Sociedade, Ação e Espaço*, do geógrafo suíço Benno Werlen. Em: WERLEN, Benno. *Society, Action and Space: An Alternative Human Geography*. London, Routledge, 1993 (1. ed. 1988).

como novas formas de ações que explicitam a morfologia e a funcionalidade do espaço, cuja construção está baseada na característica da *instabilidade dos objetos*<sup>25</sup>; assim teríamos o espaço como redefinidor de formas morfológicas, valorativas e significativas destes objetos (id., ibid., p. 97), pois “*quando há mudança morfológica, junto aos novos objetos, criados para atender a novas funções, velhos objetos permanecem e mudam de função*” (id., ibid., p. 96). Deste modo, para Santos, para conseguirmos uma compreensão geográfica total da realidade [1] não podemos delimitar o estudo de objetos específicos; [2] tampouco separar o estudo da forma-conteúdo dos objetos, sob a alcunha de diminuirmos a funcionalidade e eficácia relacional do objeto sobre o espaço. (id., ibid., p. 97-100).

Sloterdijk diz que a Fortuna é a deusa da Globalização por excelência, pois ela ensina a considerar a vida como “*um jogo de azar em que os ganhadores não têm de se gabar nem os perdedores de que se queixar*”, mas também como uma visão medieva apaixonada pela constante instabilidade, o que me lembra em Santos a discussão proposta acerca dos tipos de globalização, uma delas como fábula; porém, Santos desenvolve este olhar epistêmico dos países fora do grande eixo colonizante europeu, pois se a globalização se apresenta, como a Fortuna, digo que no fundo ela age como Laverna (a deusa do roubo).

A Fortuna, de todo o panteão, pactuava com os interesses mercantis, correspondendo “*à sensibilidade da ontologia das oportunidades*”, mas também com o oportunismo de Maquiavel, ou ainda com o fatalismo shakespeariano (Sloterdijk, 2008, p. 57), do homem cego pela inveja, que no fim corresponderá aos julgamentos do divino que, acredito, hoje imputamos ao mercado. Sloterdijk pergunta: “*O que é o liberalismo, de um ponto de vista filosófico, senão a emancipação do acidental?*” (id., ibid., p. 57). Responde, que o pensamento do século XVI se exprime no fato de que paralelamente a nobreza de sangue e títulos, a boa fortuna, formará a nobreza anárquica do futuro, em outras palavras, os ricos que nunca compreenderam o que lhes levou as posições que estão, pois se de um lado o homem (nobre) tem a sorte ao seu dispor, inversamente no século XVIII o homem descobre que há o azar, uma imensidão tentando sair da miséria – já que na Roma Imperial, a Fortuna era vista como deusa dos escravos (id., ibid., p. 58).

---

<sup>25</sup> Santos (2022) diz que está é uma proposta de Ernesto Laclau no seu livro *New Reflections on the Revolution of our Time*.

Talvez hoje vivamos um período *sui generis* na história hominídea, onde o design criado de uma imunização coletiva dá espaço ao design individualista, conceituado por Sloterdijk como *o axioma da ordem imunitária individualista* (id., *ibid.*, p. 167). Vivenciamos um período em que “*são os indivíduos que, na sua qualidade de portadores de competências imunitárias, se desligam dos seus corpos de grupos (...) e querem maciçamente desacoplar a sua felicidade e a sua infelicidade da forma da comuna política*” (id., *ibid.*, p. 166). Para Sloterdijk, isto se explica claramente nos Estados Unidos da América, com o conceito de *pursuit of happiness*, que se inverte – emanava uma imunização comunitária e hoje culmina na maior evasão eleitoral presidencial na reeleição de Clinton, em 1996 (id., *ibid.*, p. 166-167). Um dos fatores desta individualidade imunológica pode ser explicado pelos centros institucionais, os seguros privados, os fundos de pensão, as biotécnicas, elevando-se ao profetizado por Spengler “*esse estádio em que se tornou possível decidir se o indivíduo é hábil ou decadente*” (id., *ibid.*, p. 167), onde os indivíduos não sendo capazes de cristalizar um mundo exemplar, acabando fadados a encontrar a figura do grande homem que una em torno de si o coletivo de uma época. Sloterdijk diz que as consequências disto são conhecidas: o *homme monde* (aquele que ama a vida em sociedade), o fantasma antropológico da era moderna, “*se apaga, como, na orla do mar, apaga uma face desenhada na areia*” (id., *ibid.*, p. 168). O *homme monde* difere em muito do *homo habitans*, pois enquanto este recolhe-se na solidão, aquele a abomina.

Assim, duas perguntas se fazem necessárias. [1] Quando nos perguntamos: o que é ser sujeito neste espaço global? “*Significa tomar uma posição a partir da qual um ator pode passar da teoria à prática. (...) se produz quando um ator encontrou o motivo que o liberta da hesitação e o desinibe, de modo a possibilitar-lhe a ação*”. (id., *ibid.*, p. 61) Sendo a coerção como o agente mais poderoso da desinibição. [2] Quando nos perguntamos “*onde estamos quando estamos no mundo? (...) estamos em um exterior que suporta mundos interiores*” (id., 2016, p. 28), nesta eterna busca de uma proteção *estufástica*, isto é, de um globo, de uma climatização, de “*um lugar sob camadas celestes, em cujo interior fossem permitidos sentimentos de ordenação doméstica (...), a segurança interior do círculo mais vasto está perdida, e com ela, o próprio velho Cosmo, habitável e imunizador*” (id., *ibid.*, p. 28). E isto explica esta indagação para Sloterdijk, o sentido de ‘*onde*’, lugar no qual os homens conseguem se produzir (através de antropotécnicas, as técnicas de subjetivação). Na modernidade, buscamos ir de contra a heteronomia

(vontade de outrem); então o homem buscará procedimentar o que lhe dá voz interior, como se possuíssemos co-decisão nas instâncias de comando; esta é a subjetividade do homem. Assim, a subjetividade deve ser compreendida como uma capacidade de agir (autônoma), mas não como passagem de ato (pulsões psicanalíticas). Sloterdijk rejeita, o que considera, um mal-entendido propagado pela teoria crítica, de “*interpretar a subjetividade moderna como uma agência do controle de si próprio*” (agência de neurose obsessiva). Diz que o sentido da subjetivação somente pode ser compreendido a partir do [1] armamento e da [2] autodesinibição do ator através da histerização (id., 2008, p. 66), e isto somente é possível porque o homem encontrou um sistema de pesos e balanças para lidar com as “*fontes da sorte e as estratégias da gestão de risco*” (id., ibid., p. 23).

Desta forma, conjecturo a construção de um diálogo entre a ação e a intencionalidade que se constrói entre Santos e entre Sloterdijk. Se, para Santos (2022) a ação intencional entre o sujeito e os objetos considerem a existência de um sistema verticalizante (leia-se uma hegemonia capital); em Sloterdijk, não será outro senão a necessidade de um contrato social divinatório, uma ‘*Síndrome da Terra Virgem*’ (Sloterdijk, 2008, p. 127), que conforma a ação dos sujeitos postos no mundo. Essa ideia e comportamento dos Europeus à expansão resume os “*ecos bíblicos e colonizadores*” (id., ibid., p. 127), a terra com a concepção de “*objeto encontrado e recurso*” (id., ibid., p. 127). Assim os americanos da Nova Inglaterra, expurgados do reino inglês, advocavam o uso fruto de uma terra prometida a um povo eleito. Esta é a subjetivação do homem americano. No fundo, estes atores sociais são regidos por uma *teoria implícita da falha moral*, isto é, “*parece haver tempos em que a ação deve ser mais rápida que a legislação*” (id., ibid., p. 129); assim, saqueadores e demandadores de crimes, são pioneiros na falha histórica, transformando-se em missionários da nova civilização. Diz:

A América emerge do Atlântico como um universo de reserva no qual se pode recomeçar a experiência «Deus com a Humanidade» (...) oferece a inúmeros recém-chegados a experiência excitante e contrastada de um país praticamente sem dono que, pela sua imensidão só precisa de ser ocupado e construído para pertencer ao ocupante e ao construtor. (...) Por isso os sentimentos da amplidão do mundo da época moderna estão associados à experiência fundamental da América – a facilidade com se toma posse da terra e dos recursos -, e o que (...) dá origem a um tipo de camponês sem precedentes na história do mundo, que já não é servo do senhor, mas um senhor fundiário armado e autônomo, um lavrador, sob autoridade de Deus. (Sloterdijk, 2008, p. 128)

#### 4. Da sociedade de paredes finas, da horizontalização e da verticalização<sup>26</sup>

Partindo do pressuposto por Santos (2022), devido a polissemia do vocábulo *rede*, há de compreendermos duas possibilidades distintas, [a] a rede como uma possibilidade de fluxos de pontos existentes na realidade material, e, [b] admitir a rede como realidade valorativa social e política. A rede é um conceito importante que permite trabalhar com o espaço de forma-conteúdo não excluindo tempo, história e matéria, sendo um híbrido que une quatro regiões: *a natural, social, global e local* com a finalidade de evitar o acúmulo nos extremos (Latour, 1991, apud Santos, 2022). Para aquisição de eficiência metodológica não podemos pensar em homogeneidade da difusão de alcance ou performance em uma rede, pois, de fato, ele é um “*delírio analítico*” (Begag, Claisse e Moreau, 1990 p. 189 apud Santos, 2022, p. 267), pois cartograficamente verificamos desenhos de áreas que escapam a totalidade dos países desenvolvidos, e quando existem não o são uniformes já que “*no processo global da produção, a circulação prevalece sobre a produção (...) os fluxos se tornam mais importantes ainda para a explicação de determinada situação*” (Santos, 2022, p. 268). Contudo, é notório que algumas zonas consigam se integrar à vida econômica como rede global graças ao progresso técnico<sup>27</sup>, por isso as redes não podem ser observadas somente a partir do local ou do regional, pois elas permitem trabalhar com a realidade mundo, já que sua existência “*é inseparável da questão do poder*” (id., ibid., p. 270), sendo a divisão internacional do trabalho quem privilegia o *roll* de papéis no espaço.

---

<sup>26</sup> Devemos compreender a importância que Santos dá em categorizar e valorar a *rede*, porque a grande pergunta que o geógrafo está tentando responder, e é do nosso interesse, é a seguinte: *quem tem acesso à dinâmica e eficácia das redes (neste mundo informacional)?* Neste capítulo estudamos a importância da concepção de rede, pois ela eleva a discussão da regionalidade para um sistema-mundo. Só que se partirmos da concepção da rede como um fluxo local, ela nos impediria de compreender que há forças superiores que verticalizam o andar da carruagem; assim, o termo modernização do território nada mais é do que uma roupagem para exploração hegemônica. E se desejo trazer esta discussão de comportamentos hegemônicos para o campo das teorias esferológicas, Sloterdijk propõe que seja esta discussão entre para o contexto da poética política.

<sup>27</sup> Santos no referido capítulo até utiliza o exemplo de como pequenas regiões da França se impuseram perante a indústria global do vinho, através de tecnologia agrícola. Entretanto acredito ser relevante atualizar com o seguinte: “**Como o MST se tornou o maior produtor de arroz orgânico da América Latina**”. Na reportagem, diz o líder do MST João Pedro Stédile: “*Para chegar à liderança, o movimento investiu em agroecologia, que, conforme o líder do MST João Pedro Stédile, é um modelo antagônico ao do agronegócio porque este “visa ao lucro a qualquer custo e se baseia em grandes extensões de terra, no monocultivo, mecanização, uso de sementes transgênicas e de agrotóxicos e na expulsão dos trabalhadores rurais do campo”*”. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2022/09/02/como-o-mst-se-tornou-o-maior-produtor-de-arroz-organico-da-america-latina/> (acessado em novembro de 2022).

Se pela nossa proposta de realizarmos uma análise da totalidade dos fragmentos espaciais, pela metodologia de Santos, na condição de compreendermos, prioritariamente, as redes como fluxos, então o simples fato delas serem redes locais ou redes nacionais, não nos possibilita a compreensão da sociedade local ou da sociedade nacional, pois a sociedade nacional opera pela esfera do poder político (aquele poder que delimita a distribuição dos fixos a cada região e lugar, e a distribuição geralmente já é feita sobre as bases de uma infraestrutura pré-existente). Assim, “*a primeira característica da rede é ser virtual. Ela apenas é realmente real, realmente efetiva, historicamente válida, quando utilizada no processo da ação*”. (id., *ibid.*, p. 277). E será no lugar<sup>28</sup> que “*os fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta*” (id., *ibid.*, p. 270); quando a rede se utiliza do sistema informacional para se realizar ela acaba se materializando em relações dinâmicas da economia e do comércio, e são “*ao mesmo tempo, concentradoras e dispersoras, condutoras de forças centrípetas e de forças centrífugas*” (id., *ibid.*, p. 278), isto é, expõem a mercadoria produzida nos fixos pelos fluxos, assim como aspergem as informações necessária para o que produzir em objetos que atendam um determinado mercado. Como uma das exigências do mundo atual é a fluidez, as redes técnicas modernas se empenham em produzir objetos e lugares destinados a esta especificação (fluxos de quantidade e velocidade como oleodutos, grandes estradas, canais, bairros inteligentes, tecnopolos), porém, a exigência da economia global por essa fluidez emerge de uma vontade de suprimir leis e normas à livre circulação das mercadorias através da desregulação. Assim, dialeticamente podemos explicar parceria público privada onde o Estado concede a materialidade e o setor privado a funcionalidade do fluxo, visando um aumento na circulação. Entretanto, não podemos esquecer que somente os atores hegemônicos é que conseguem absorver todas as nuances dos territórios. As grandes empresas podem exercer manipulação ideológica sobre os espaços e culturas locais para cristalizar e atuação na realidade.

Deste modo, após definirmos este objeto híbrido, as *redes*, devemos, pois, desgeneralizar o conceito de verticalidade e horizontalidade, estas forças centrípetas e

---

<sup>28</sup> “*No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada um exerce uma ação própria, a vida social se individualiza (...) O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade*” (Santos, 2022, p. 322)

centrífugas (Santos, 2022), de compreensão do funcionamento dialético das redes que conectam, material ou imaterialmente o espaço. Horizontalidade está muito ligado ao conceito tradicional de região e regionalidade, destes “*pontos que se agregam sem descontinuidade*” (id., ibid., p. 284), são espaços que permitem um fluxo entre os fixos. Assim as forças horizontais agem como forças centrípetas no interior destas relações regionais. A verticalidade, é uma força contrária de tensionamento à realidade interna cotidiana que assegura um funcionamento do capital global disperso em pontos distintos do território - por exemplo, pensemos no funcionamento de uma multinacional com seu comando emergindo o funcionamento das filiais dispersas globalmente: um funcionamento horizontal comandado por um tensionamento vertical do capital. Assim, a verticalidade é esta força que une as descontinuidades da horizontalidade, que tem por ponto de intersecção as cidades, mas esta relação é entrópica, pois os agentes verticalizantes desordenam os subespaços locais (id., ibid., pp. 284-285).

Se afirmamos que o capital se expandiu globalmente, fora através de uma política nacional hegemônica, configurando, assim, uma economia configurada mais como internacional do que global. Santos constata haver esse mesmo equívoco quando pensamos na *região*, já que a mesma vertente que fala em desterritorialização pela globalização prevê a sua negação, pois foi natural ao homem (primordial) uma construção da solidariedade orgânica pelos arranjos locais que perdurou até transformações do pós-guerra que desmoronaram este organismo frente a expansão hegemônica; entretanto, para Santos, este aumento de diferenciação (pela divisão internacional do trabalho) é quem conforma ou não a realização das relações globais. As regiões não desaparecem, não se dissolvem, mas se transformam diante dos eventos.

Assim como a região - como o próprio título de uma de suas obras, *Metamorfose do Espaço*, metamorfose do lugar em região, região em espaço vivido, compreendamos região como espaço vivido e lugar como espaço que está para viver –, os lugares são sinônimos de regiões, mas com uma menor importância, estão neste tornar-regiões, tornar-espaços). A tecnologia tem um papel desestruturante quando este capital se fixa no território, se antes as atividades de países, considerados como atrasados pela antropologia descritiva, eram baseados na técnica para uma subsistência e existência fluída, agora a técnica promove um enrijecimento dos lugares e dos objetos através de uma atribuição de especificidades pelo capital. Paradoxalmente, os fluxos financeiros crescem com o aumento da rigidez (id., ibid., pp. 245-253). A bem da verdade, o conceito



de modernização do território se torna uma nova roupagem à exploração hegemônica de países com defasagem tecnológica

Devemos compreender a importância que Santos dá em categorizar e valorar a *rede*, porque a grande pergunta que o geógrafo está tentando responder é a seguinte: quem tem acesso à dinâmica e eficácia das redes (neste mundo informacional)? E cabe a nós, sociólogos, trabalhar com as ambiguidades na compreensão da sociedade imposta por forças ora agregadoras, ora defletoras, ora centrípetas, ora centrífugas. Por exemplo, como compreendermos que a globalização permite uma inserção da localidade mundial no discurso (vide o que acontece hoje com as redes sociais que extingue distâncias, mas que não garante que estas pessoas participem com voz ativa), pois “*todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza mesmo são as pessoas*” (id., 2013, p. 29). Este deslocamento da generalização permite efetuar a crítica social dos pressupostos do que verticalizar se consolidou no senso comum, principalmente do ponto da construção arquitetônica da sociedade, anuviando, pois, a verticalização como apropriação de capital. Por exemplo, se discutirmos um processo de verticalização (arquitetônica) de uma cidade, estamos falando de uma apropriação do espaço para maximização de lucros na construção de unidades cada vez mais altas, e, podemos ainda confluír a discussão para que a verticalização nunca seja ofertada para todos, isto é, além de atender interesses particulares, particulares serão seus acessos. Assim, se não compreendida esta desgeneralização proposta pelo professor Milton, um discurso hegemônico tenderia a defender a verticalização arquitetônica de uma cidade (um local) frente uma modernização (regional), excluindo, muitas vezes, as ilicitudes e irregularidades que advém desde a obtenção deste objeto fixo, o terreno, até a finalização de obra do complexo civil.

Se desejo trazer esta discussão de comportamentos hegemônicos para o campo das teorias esferológicas, Sloterdijk propõe que seja trazendo a discussão para o “*contexto de uma poética política do espaço ou de uma macrosferologia*” que consiga dar vazão as relações de imunização que se formam com o espaço, o habitar, e o ‘estar-junto-a-si-e-aos-seus’ (Sloterdijk, 2008, p. 162-163). Sloterdijk (2008) diz que a “*ruidosa monotonia que caracteriza a literatura sociológica e política atual sobre a globalização*” (p. 162) concentra-se nos seguintes temas [1] eternidade do local versus o global; [2] a transposição do conceito de Estado-nação; [3] alargamento do fosso entre ricos e pobres; [4] erosão da biosfera e as discussões ecológicas de longo prazo. Quando pensamos

unicamente no conceito de território parece haver uma estabilização criada entre o nexo do lugar e do eu; e ele não é estável como possa parecer um Estado-providência moderno, pois para Sloterdijk (2008) se dilatarmos este termo encontraremos duas posições extremas que podem ser pontuadas e que explicam a ruína de uma sociedade de paredes finas, a saber: o eu-sem-lugar, e o lugar-sem-eu (id., ibid., p. 163). Como exemplo, cita que o judaísmo da diáspora, desde o nascimento de Cristo, pode ser considerados um povo sem país, com uma pátria portátil, um país que era unicamente presente num livro<sup>29</sup>. Assim, é *falácia territorial* (id., ibid., p. 164) esta política obsessiva de assimilação do lugar ao eu em que se tenta legitimar a violência da ‘*defesa de um país*’, diz Sloterdijk (2008), pois que os nômades, este fluxo de etnopaisagens<sup>30</sup>, o *eu-sem-lugar* não pode se iludir em conceber a própria terra como contentora de um povo e provedora de sentido a uma vida. Por outro lado, podemos compreender estes *lugares-sem-eu*, as regiões inabitáveis, “*os desertos brancos (mundo polar), os cinzentos (altas montanhas), os verdes (florestas virgens), os amarelos (desertos de areia), os azuis (oceanos) (...) podemos somar-lhes os desertos secundários nascidos da mão do homem*” (id., ibid., p. 164), como espaços interessantes para estudo mediante contraste, mediante alteridade, pois aí o homem ainda não pratica identificação; assim como os “*espaços de trânsito*” (ruas, praças, asilos, cidades turísticas, terrenos, etc.), possuem um atmosfera, mas não necessitam de habitantes, e quem por eles passa não é o que os definem. Então, a consequência da globalização perante a sociedade contemporânea (onde uma população numerosa se apropria de uma mobilidade sem precedentes, e por outro lado acabam geram lugares sem relação de habitat), se dá pelo entrelace destes dois polos, o polo nômade, da etnopaisagem nômade, um eu-sem-lugar, como do polo dos desertos coloridos que acima mencionei, e os lugares inabitáveis, os lugares-sem-eu.

Santos (2008), também compreende a necessidade de uma maior dedicação para esta questão do nomadismo, mas pela discussão dialética do território, isto é, uma parcela técnica e outra local (Santos, 2022, p. 272). O que outros falam em

---

<sup>29</sup> “(...) *os participantes se contêm a si próprios e onde se mantém enformados enquanto o grupo se desloca através das paisagens externas*” (Sloterdijk, 2008, p. 163)

<sup>30</sup> Mencionando o antropólogo Arjun Appadurai, que descreveu cinco dimensões do fluxo cultural que se manifesta contemporaneamente na globalização, a saber: (1) etnopaisagens, (2) mediapaisagens, (3) tecnopaisagens, (4) finançopaisagens, e (5) ideopaisagens, Sloterdijk (2008) acaba por partilhar do conceito referente ao movimento do eu-sem-lugar como um “fluxo de etnopaisagens”, isto é, indivíduos que formam “comunidades imaginárias” fora dos estados nações (os turistas, os exilados, refugiados, trabalhadores temporários no exterior, etc).

desterritorialização (O. Ianni, 1992, p. 94; J.-L. Margolin, 1991, p. 100 apud Santos, 2022, p. 244) ou da emergência do não-lugar (M. Augé, 1992 apud Santos, 2022, p. 244), Santos chama de *transformação dos territórios nacionais num espaço nacional da economia internacional*, onde os atores econômicos hegemônicos, promovem uma “*erosão da soberania nacional*” (Schiller, 1986, pp. 21-34 apud Santos, 1996, p. 245) servindo-se desta rede de informações tanto banqueteiavam-se dos recursos sobre os territórios alheios, através de uma expatriação de recursos alheios, quanto promovem um deslocamento do controle político daquele país para instituições financeiras abstratas.

Pondera Santos, que acreditar na falência do Estado também é um equívoco, pois as políticas continuam sendo criadas em um território de hegemonia nacional, assim “*não temos uma economia completamente globalizada, mas uma economia internacional, cujas respostas são dadas pelas políticas nacionais*” (Hirst e Thompson, 1992 apud Santos, 1996, p. 245) cabendo aos países periféricos um fortalecimento de inserção na discussão política global. Mediante esta dialética territorial emerge uma mobilidade gigantesca e veloz, isto é fato consumado. Entretanto, se quisermos compreender este movimento, como dirá Sloterdijk (2008), ele deve ser pela poética política (*leia-se geopolítica, para fins didáticos*), ou, até mesmo, como diz Santos (2022), pela compreensão destas forças desestabilizadoras (horizontais e verticais) que configuram a rede desigual que consolida os fluxos pelos fixos; o eu-sem-lugar, sem direitos, passa habitar um lugar-sem-eu, pois “*o direito local e o direito internacional ainda não se transformaram, para reconhecer naqueles que não nasceram num lugar, mas nele moram ou trabalham, o direito de também intervir na vida política deste lugar*” (Santos, 2022, p. 272).

## 5. Do tráfico telecommunicativo, da informação chegada e da passagem de uma psicofera para uma tecnofera<sup>31</sup>

A habilidade de comunicação não é algo inerente aos humanos. Falar sobre o abstratismo, por exemplo, e focar na produção e disseminação de determinada informação é inerente a uma Revolução Cognitiva humana (Harari, 2015). Assim, a intersubjetividade comunicacional e material do nosso mundo (dinheiro, dólar, direitos humanos) existe neste homem que habita uma rede espacial, pois “*se um único indivíduo mudar suas crenças, ou mesmo morrer, será de pouca importância. No entanto, se a maioria dos indivíduos na rede morrer ou mudar suas crenças, o fenômeno intersubjetivo se transformará ou desaparecerá*” (Harari, 2015).

A relevância da análise fenomenológica proposta por Sloterdijk e Santos para encontrar uma definição e compreensão do espaço está em conformidade com deformação na produção de conceitos que as ideologias impõem enquanto pesquisa acadêmica. Paradoxalmente ambos os autores sofrem críticas anuviadas: de um lado criticam Sloterdijk pelo excesso de epoché, nada se posiciona, somente explicita, principalmente nas suas primeiras obras; de Santos criticam que sua fenomenologia está muito ligada à materialidade histórica, de ideias marxistas. Nesta fricção de pensamento, proponho que há uma comunhão de pensamento quando Milton fala da passagem da tecnofera para a psicofera.

Para Santos (2022), a globalização impõe uma adaptação constante destas normas introduzidas por organismos supranacionais, através de uma competitividade do capital, que passam a configurar normas públicas nacionais. Assim, por exemplo, o que chamamos de crise ecológica, pode ser interpretada pelas motivações históricas do uso de objetos técnicos. Qualitativamente, os fixos tecnológicos acabam por aumentar quantitativamente os fluxos comunicacionais, e embora os fixos são rígidos, os fluxos de mais valia esvaziam estes lugares, de modo que “*a geografia dos fluxos depende, assim,*

---

<sup>31</sup> O cerne deste capítulo é redarguir as seguintes perguntas: “*a língua que falamos hoje é a do indígena ou a do colonizador? Será que estamos integrados, ou cada vez habitando o mesmo espaço, lugar, planeta, mas vivendo uma epidemia de misantropia? Será que as informações chegam a todos os lugares de todas as formas?*”.

*da geografia dos fixos. A técnica comparece como um verdadeiro universo de meios*” (J. Ellul, 1977, p. 48 apud Santos, 2022, pp. 254).

A totalidade da obra *Natureza do Espaço*, Santos 2022), pode ser compreendida como uma grande análise das forças de tensionamento entre dois espaços: a tecnosfera e a psicofera. A tecnosfera é compreendida como a esfera técnica e científica que transformando a primeira natureza em segunda natureza<sup>32</sup>, e que nesta contemporaneidade agem como infraestruturas para expansão, agitadas pelas tecnologias da informação. Assim, Milton (2022) propõe que como o espaço geográfico é um não-dissociado espaço de objetos e ações, os objetos neste espaço humano se constituem na tecnosfera, e caberia ao marketing a psicofera moderna – responsável por aflorar uma avidez pelo consumo. A grandiosidade do pensamento do Milton é compreender que a psicofera se dá na dimensão do lugar. Compreender que há uma superestrutura comandando os interesses capitais explica as conformações políticas que gerem o mundo, advindo do pensamento marxista; e, embora a psicofera tem fundamento estrutural fixo, ela está muito relacionada essa passagem da intencionalidade para ato. Isto explica, por exemplo, porque a psicofera foi abocanhada pelas agências de marketing, para transformar um desejo em materialidade, o desejo de consumo, esquecendo que podemos utilizar esta superestrutura para trabalhar com problemas concretos da realidade de políticas públicas nacionais.

Sloterdijk diz que no momento que se desbravou um horizonte para fora da Europa, descobriu-se uma infinidade de novas línguas, um ‘multiverso semiótico’. Então, *“perante tal pluralidade (...) o sonho de uma hiperlíngua que integrasse tudo terá forçosamente de se desintegrar por si próprio (...) (sendo assim) somente havia duas estratégias que lhes permitiam orientar-se nessa situação neobabilônica”* (Sloterdijk, 2008, p. 145) impor-se forçosamente a língua do senhor colonial, ou traduzir os discursos destes novos senhores. Só que fica evidente, que embora este processo ocorreu de forma simultânea, não mais foi do que um recobrimento das línguas locais pela língua dos

---

<sup>32</sup> Sobre a segunda natureza miltoniana, conforme Peluso (2013): “Se a Natureza só pode ser compreendida dentro do real-total do presente - “A história é o hoje de cada atualidade” (SANTOS, 1994, p. 90) - não significa que ela também não tenha uma história, mas dentro da espaço-temporalidade dos homens. É o que Santos (1994, p. 15) chama de “Sistemas de Natureza sucessivos”, que se sucedem desde quando o homem retirava de seu ambiente tudo aquilo de que necessitava até sua transformação plena em Natureza Social (SANTOS, 1994, p. 16) no período técnico-científico-informacional. Temos, então, nesses sistemas, a passagem da Natureza natural, mesmo já segunda natureza, à natureza-objeto artificial”

colonizadores. A Igreja Católica não pode esperar que cada representante de uma língua chegasse até a matriz, fora necessário um intenso trabalho de tradução cristã nestes últimos 500 anos, assim, como diz Sloterdijk, “*no final do século XX, o Novo Testamento existia em mais de mil e oitocentas traduções*” (id., ibid., p. 146), comparando-se a profusão de uma *Ilíada*, de Homero. A auto-tradução cristã da bíblia, “*constituí até hoje o mais poderoso testemunho das possibilidades e dificuldades de um ecúmeno transcultural e dotado de uma operacionalidade concreta*” (id., ibid., 146). A Terra circum-navegada torna-se um “*corpo anichado num denso tecido de movimentos de tráfico e de rotinas telecomunicativas*” (id., ibid., p. 151). Agora a Terra esta evolvida numa segunda atmosfera, diz Sloterdijk, “*um globo temporalmente compacto (envolto) num feltro eletrônico*” (id., ibid., 151). Agora, o céu imaginário é substituído pelo invólucro virtual, e do ponto de vista aeronáutico a terra a circum-navegação reduz-se a poucas horas. A noite parece sumir, assim como se vivêssemos num eterno dia. Só que neste processo a globalização terrestre ganha o status de colonização, que até o século XIX ainda estava ligado a ocupação de um determinado território.

Para Sloterdijk, este seria o motivo (o de uma progressão) que a globalização forma uma teoria da contemporaneidade, pois agora até mesmo o mais ilhado e dispersos dos povos são abolidos de distâncias e passam habitar um mesmo planeta. No entanto, nos lembra Sloterdijk há uma *epidemia de misantropia*, onde o único elo que nos ligava como seres humanos era uma tendência em ignorar as outras etnias, e que por isso:

“(…) a realidade da globalização leva ao absurdo o pressuposto ingênuo segundo o qual existe uma abertura potencial de todos a todos. Pelo contrário, a inevitável finitude do interesse que o ser humano tem pelo ser humano surge cada vez mais manifestamente à medida em que o mundo vai se reticulando”. (Sloterdijk, 2008, p. 152)

A globalidade estabelece o conceito de densidade como “*o estado de vizinhança forçada com inúmeros coexistentes de acaso*”, já que “*uma maior densidade implica um aumento da probabilidade de encontro entre centros de ação*” (id., ibid., p. 192). A observação prática deste aumento de densidade está na “*constituição hipercomunicativa da infosfera ocidental*” (id., ibid., p. 196), com seus bilhões de e-mails trocados diariamente, mas que acaba por se mostrar como um instrumento que gera

apenas hipótese de conforto, um “*instrumento trágico (que) sustenta a conclusão ilusória de que os bens materiais e exclusivos deveriam ser igualmente universalizáveis (...) exporta, é certo, para o mundo inteiro os critérios da condenação da miséria, mas não os meios de a ultrapassar*” (id., *ibid.*, 210).

A grande maravilha no nosso tempo é a unicidade dos momentos, e não a dos tempos, ou, ainda, uma convergência dos momentos (Santos, 2022, p. 195) neste “*sistema de comunicação planetária*” (Joel de Rosnay, 1975 apud Santos, 2022, p. 200) que explica a compreensão de um sistema global de relações (Santos, 2022, p. 203); isto é, “*a possibilidade de conhecer instantaneamente eventos longínquos, e, assim, a possibilidade de perceber a sua simultaneidade*” graças as atuais técnicas atuais de comunicação. (id., *ibid.*, p. 196). Embora hoje, essa simultaneidade de informações difere em muito à transcontinental dos telégrafos, hoje ela emerge sem intermediários, o que chamo de *informação chegada*, sem descompasso, pois “*para um satélite, cada lugar está à mesma distância dos outros*” (Warf, 1989, p. 259 apud Santos, 1996, p. 199).

E quem mais se beneficia deste encurtamento espaço-temporal da informação é o sistema financeiro, que opera 24 sobre 24 horas, pois operando em todos os lugares “*sem ter que respeitar a menor regra jurídica, nem estar submetidos a qualquer controle prévio, mobilizando capitais que não lhes pertencem e dos quais apenas controlam uma pequena fração*” (C. Brie, 1993, p. 28 apud Santos, 2022, p. 201) acabam se promovendo do que Santos chama de *economia da informação* (Santos, 2022, p. 200), este processo que promove uma sanha em gigantes tornarem-se mais gigantes. Santos reconhece que as finanças foram esquecidas pela geografia nesta “*nova arquitetura do espaço*” da aldeia global, onde “*o tempo termina por apagar o espaço*” (id., *ibid.*, p. 201), criando assim uma ilusão de progresso técnico para todos, mas que esquece que esta rede de computadores globais é configurada para operar com informações pragmáticas: “*manipuladas por uns poucos*” (id., *ibid.*, p. 202) e operam num mundo controlado, onde fatos e notícias começam a se tornar indistinguíveis de uma realidade simulada, assim, Santos retoma a discussão de que o encurtamento das distâncias pelos processos de ultra velocidade são delirantes, pois que “*as informações não atingem todos os lugares [...] há inúmeros filtros intermediários [...] que interferem na natureza da informação [...] podendo descaracterizar o produto*” (A. C. Silva, 1993, p. 75 apud Santos 2022).

Em suma, para Santos a urbanização não coincide com o movimento de industrialização, ou de alocação de capital para as indústrias de ponta, pois estamos num mundo que não segue as mesmas etapas dos países ditos desenvolvidos, ou daqueles que estariam em desenvolvimento. Assim, é importante o esforço epistemológico de Santos na compreensão do desenvolvimento próprio dos países latino-americanos. E a diferenciação de como ocorreu a difusão da tecnologia pelos meios, ela conforma a divisão internacional do trabalho neste território posto. Nem sempre a tecnologia não chega no local, deveras pela incapacidade técnica, muitas vezes há um movimento dos circuitos superiores de produção para a não difusão, ou difusão modificada de um determinado objeto técnico. Diante disto, podemos observar que o campo midiático ainda se concentra como polo dominante para ambos os autores; Santos deixou-nos um arcabouço teórico vasto para pensarmos do presente ao futuro, assim conseguimos, por exemplo, explicar propagandas midiáticas impostas, desde 2016, que transformam o agronegócio – um movimento de financeirização do campo e reorganização do território brasileiro –, como algo positivo a economia agrária. Pois a quem interessa este grande movimento de fluxo financeiro? Além de que através duma saturação de propagandas midiáticas que mostrem os benefícios de uma abolição de agrotóxicos, antes proibidos, ainda sejam defendidos pela população? Devemos nos perguntar a quem este “*agro é pop*”<sup>33</sup> interessa. Sloterdijk, traz esta mesma discussão ao analisar os avanços da transformação (via capital midiático) dos agentes químicos da Primeira Guerra em defensivos agrícolas da modernidade.

Interessante destacar, da minha percepção, é que Santos não cai no conto de uma globalização modernizada tão romantizada quanto a encontrada em Sloterdijk. Esta globalização que elimina a distância entre o *locus* ao *antropos*, até pode ser válida numa Europa, que mesmo com temperaturas negativas, propicia o acesso dos serviços essenciais aos seus habitantes, mas não em países periféricos onde o *antropos* encontra meios de sobreviver ao *locus-tributum* (*locus* imposto pelos meios hegemônicos).

---

<sup>33</sup> A campanha “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo” teve início em junho de 2016. Até o dia 22 de setembro de 2018, foram lançadas 57 peças. Para mais: (<https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/10910/8460>)



## 6. Da técnica e da antropotécnica<sup>34</sup>

De nossa constatação fenomenológica do espaço circundante nos passa despercebido que, de fato, exista uma relação entre o *eu* e o *outro*, que usualmente categorizamos *eu-homem*, e o *outro-natureza*. Isto ocorre devido um dualismo entre o racionalismo e empirismo<sup>35</sup> (Lima, 2014). Constatamos, que através da transformação da natureza, este homem consegue produzir a materialidade da sociedade, dando forma a esta concretude revelada. Dito isto, o professor Milton, na primeira frase do primeiro parágrafo do seu livro *A Natureza do Espaço* (Santos, 2022), parte do pressuposto que saibamos que o homem intervém na natureza através da técnica, e traçando uma forte crítica à academia, diz: “*É por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço*” (id., ibid., 29). Assim, Santos abarcará a discussão tanto da técnica, quanto do espaço, do pressuposto que não foram conceitos completamente exploradas, seja por esquecimento ou, até mesmo, não-menção<sup>36</sup>, como se “*a técnica não fosse parte de um território, um elemento de sua constituição e da sua transformação*”. (id., ibid., 29). Podemos dizer que este ato é revolucionário em Milton Santos, pois ao constatar a existência de um engessamento na produção intelectual até a época, isto lhe permitiu romper com este *modus operandi*, e estabelecer o conceito de espaço permitindo a Geografia conversar com as demais disciplinas, transpassando seu passado cartográfico.

---

<sup>34</sup> Neste capítulo detalho sobre a técnica (categoria/conceito) para ambos os autores; se para Santos o homem transforma o meio pela técnica, sendo uma categoria dualística para a geografia e sociologia, já que ela a responsável pela historicização dos problemas a partir de um afastamento da atualidade. Sloterdijk transpassa esta discussão dualística da tecnologia através de uma ginecologia negativa (proteção uterina). Então, o proposto será discernir ontologicamente a técnica que conforma o espaço miltoniano, da antropotécnica que conforma o homem que habita este espaço sloterdijkiano.

<sup>35</sup> De acordo com Lima (2014), “*a questão da subjetividade na modernidade é marcada por um dualismo: por um lado, o racionalismo, que enfatiza a subjetividade do Eu, por outro, os empiristas, que objetivam o Eu. O distintivo fundamental entre racionalismo e empirismo é que enquanto o empirismo afirma que a origem fundamental de todo o conhecimento está localizada na observação, os racionalistas insistem que tal origem se dá nos atos de apreensão do puro intelecto, ou como afirma Descartes, nas "ideias claras e distintas"*”.

<sup>36</sup> Milton menciona que os principais autores que discutiram a técnica e a tecnologia, como D. Mackenzie, Adam Schaff, J. Wajcman, Pinch e Bijker, Parré e Papon, ocultaram ou produziram um silêncio sobre o espaço. Para saber mais, capítulo 1, *A Natureza do Espaço*, de Milton Santos (2022).

Santos se pergunta em “*como trabalhar a questão da técnica de modo a que sirva como base para uma explicação geográfica?*” (id., ibid., p. 38). Para tanto, sua proposta delimitara a importância da criação de um **objeto técnico** para a disciplina Geografia, na tentativa de “*exorcizar as ambiguidades do conceito de técnica e de tecnologia nas ciências sociais*” (id., ibid., p. 38), também “*conseguir participar em um debate filosófico interdisciplinar (...) razão pela qual especialistas de outras disciplinas, não sabendo claramente o que fazem os geógrafos, renunciam a incluí-los nos seus próprios debates*” (id., ibid., p. 47). Devemos “*considerar a própria técnica como um meio*” (id., ibid., p. 37).

Partindo do conceito proposto de **tecnoestrutura**, de Gernot Böhme<sup>37</sup>; da proposta de Jean-Pierre Sérís de que “*será objeto técnico todo objeto suscetível de funcionar*” (Sérís, p. 22 apud Santos, 2022, p. 38), isto é, existe um valor técnico derivativo do uso dos objetos, e por isso (estes objetos) devem ser estudados juntamente com seu entorno, pois o espaço pré-existente apropria cada objeto dado a um modo de *uso específico* (Winner, Langdon, p. 374 apud Santos, 2022, p. 40), Santos define que “*o espaço é formado por objetos; mas não são os objetos que determinam (os próprios) objetos. É o espaço que determina os objetos*” (id., ibid., p. 40). A técnica possui uma importância na explicação da sociedade, ponde Santos, entretanto, sozinha ela não explica nada (id., ibid., p. 45). Para compreendermos a real relação existente entre o espaço e a técnica devemos não esquecer da propagação desigual da técnica pelo meio geográfico, resultante do valor político de cada território (id., ibid., pp. 42-44) e que o uso dos objetos ao longo dos tempos nos revela uma história entre o tempo e o espaço, desvelando-se assim uma história da técnica.

A técnica permite historicizar o espaço como fenômeno histórico, intrinsecamente ela ajuda a produzir uma geografia como Ciência, “*uma epistemologia geográfica de cunho historicista e genético, e não apenas historicista e analítico*” (id., ibid., 49). O problema de uma geografia historicista e analítica, diz Santos, é que ela permite construções elegantes e lógicas, mas se afasta da realidade partindo para uma meta-geografia, uma metafísica da geografia, dificultando a operacionalização da

---

<sup>37</sup> Gernot Böhme (1937-2022), filósofo da ciência alemão, diz que o prospecto da tecnoestrutura surge das inter-relações de objetos técnicos com as estruturas socioecológicas. Para mais informações, visitar o artigo: Böhme, G. (1989). The Techno-Structures of Society. Thesis Eleven, 23(1), 104–116. <https://doi.org/10.1177/072551368902300107>

realidade. O interesse de Milton Santos se traduz na busca de categorias analíticas, da totalidade<sup>38</sup>, o que chama de mistura espaço-tempo, de “*como ultrapassar o enunciado gratuito de um tempo unido ao espaço, mediante a revitalização de um e de outro?*”. Santos compreende a dificuldade<sup>39</sup> em transcrever o raciocínio de pensar como movimento a relação de espaço-tempo, pois há uma dificuldade em encontrar uma distinção entre o ‘*tempo real*’ e o ‘*espaço real*’. (id., *ibid.*, p. 50).

Este interesse pungente numa concatenação da empiricidade do conceito do espaço e tempo por Santos referida em sua busca por uma epistemologia totalizante da realização (leia-se, em movimento) se mostrará fecunda por meio do estudo empírico e dialético da técnica, pois é “*por intermédio das técnicas que o homem, no trabalho, realiza essa união*” (id., *ibid.*, p. 54). Diz: “*O espaço tem sempre um componente de materialidade de que lhe vem uma parte de sua concretude e empiricidade. Se queremos unificar tempo e espaço, se pretendemos que possam ser mutuamente includentes, o tempo deve ser, também, empiricizado (...) a técnica entra aqui como um traço de união*” (id., *ibid.*, pp. 53-54). Como a técnica é datada, o espaço físico também pode ser modulado por deslocamentos que desvelam o movimento; e é através de processos de produção que “*o ‘espaço’ torna o ‘tempo’ concreto*” e nos permite pela análise dos instrumentos de trabalho essa explicitação geográfica (id., *ibid.*, p. 55), pois conforme cita Marx “*o que distingue as épocas econômicas umas das outras não é o que se faz, mas como se faz, com que instrumentos de trabalho*” (Marx, *Capital*, I, p. 132, edição de M. Harnecker, apud Santos, 2022, p. 55).

Seria possível, assim como os objetos técnicos, datar geograficamente a construção de paisagens em lugares específicos? Estamos acostumados com a designação da construção histórico-científica-jurídica do tempo de um determinado lugar, pegamos por exemplo todos as cidades construídas após a colonização portuguesa, o lugar assume meramente uma datação jurídica, a da sua criação na época de colonização. Santos parte

---

<sup>38</sup> Diz Santos (2022): “*recentemente esforços têm sido feitos para, explicitamente ou implicitamente, incorporar a ideia de totalidade à análise geográfica. Citemos, por exemplo, os estudos de R. Johnston e P. Taylor (1986), R. Brunet e O. Dollfus (1990), R. Peet (1991) e os de Durand, Lévy e Retaillé (1992). Mas ainda não foi tirado todo proveito da noção de totalidade como categoria analítica capaz de ajudar a construir uma teoria e uma epistemologia do espaço geográfico.*” (p. 115) (grifo meu).

<sup>39</sup> Diz: “*É certo que Élisée Reclus havia escrito, há um século, que a geografia é a história no espaço e a história é a geografia no tempo, mas essa frase, milionariamente repetida, jamais se pretendeu um guia de método*” (Santos, 2022, p. 49).

da proposta de Leroi-Gourhan, de que “*a técnica é universal como tendência*” (Santos, 2022, p. 57), então a resposta da pergunta anterior para Santos é que sim, a materialidade artificial pode ser datada pela técnica, tanto no âmbito do lugar como para o mundo; assim, nos primórdios as soluções técnicas de cada sociedade convergiam mesmo não havendo simultaneidade, o que a princípio revelaria – por uma análise laboratorial da datação dos componentes de tais instrumentos –, uma “*idade científica das técnicas*”, mas que esta não é importante, pois na realidade necessitamos descobrir a “*idade histórica das técnicas*”, já que esta é a materialização da própria ciência em técnica (id., ibid., pp. 57-59). Entretanto, caberia a nós, sociólogos, geógrafos, historiadores, encontrar o elo entre o lugar e sua realidade histórica; assim, reafirmo a importância da análise miltoniana do espaço como método, pois do contrário estaríamos reféns das historicidades das particularidades das múltiplas técnicas (agrícolas, comerciais, industriais, genéticas etc.), ao contrário da historicidade de uma população em uso de uma técnica sociocultural que estrutura o lugar.

Devemos visualizar que “*o casamento da técnica com a ciência*” (id., ibid., p. 177), desde o século XVIII, reforça a relação ciência-produção. Então, é necessário compreendermos os sistemas técnicos históricos, e suas conformações, pois “*as características da sociedade e do espaço geográfico, em dado momento de sua evolução, estão em relação com um determinado estado das técnicas*” (id., ibid., p. 171), e, como “*se distinguem pelas suas formas de fazer*” (id., ibid., p. 176), isto é, os eventos conformados pela técnica advindo dos instrumentos artificiais, em ordem: as ferramentas, a máquina e o autômato. (id., ibid., p. 173). Santo parte do pressuposto de Anderson (1986 apud Santos, 2022) e Fu-chen Lo (1991, apud Santos, 2022), de que havendo uma categorização de diferentes Revoluções Industriais, estaríamos vivenciando a sua quarta etapa “*o período da informação e comunicação (information and communication), iniciado em 1980*” (id., ibid., p. 173) “*marcada pelos sistemas multiuso de informações, ligados aos escritórios e às residências*” (B. M. Gross, 1971, pp. 272-273 apud Santos, 2022, p. 180), onde a informação é matéria prima (p. 181), inigualitária, concentradora, e base do poder (M. Traber, 1985, p. 3 apud Santos, 2022, p. 184), que finda em ser “*um novo modo dominante de organização do trabalho*” (id., ibid., p. 182). O computador traz o homem para uma instantaneidade que antes não existia, se antes a precisão era de minutos, agora ela é de segundos, e “*a racionalidade que os seus cálculos constroem*” (id., ibid., p. 186) pagam um preço por serem baseados em uma lógica reducionista,

porque ainda hoje (décadas 2020-30) os *big data* no fundo alimentam uma base simplista que é conformada por algum algoritmo, que no máximo, leva em consideração uma engenharia social na sua construção, o computador ainda não possui a capacidade metafísica de gerar pensamento, senão pela redução e inserção de dados.

Santos (2022), na década de 1990, já falava que esta artificialidade do meio se encontrava nas cidades, pois esta maquinização do tempo pelos computadores<sup>40</sup> conforma o tempo das pessoas-autômatos. Nos períodos de pré-hominização, quando tudo era meio natural, este (meio natural) constituía a base material da existência do grupo, mesmo assim havia uma produção de técnica que permitiram a domesticação, a imposição de leis à natureza, e a preservação da vida, e que este fora um período fértil da experimentação da técnica “*porque os equilíbrios naturais, fracamente modificados pela intervenção do homem, logo retomavam seu papel*” (G. Berger, 1964, p. 231 apud Santos, 2022, pp. 235-236). Com a difusão da tecnologia, o meio técnico passa a definir o espaço que começa ser mecanizado e que opera do natural para o artificial; assim as “*áreas, os espaços, as regiões, os países passam a se distinguir em função da extensão e da densidade*” (Santos, 2022, p. 236) dessa substituição, pois agora os objetos técnicos não são prolongamentos de seu corpo, senão próteses e prolongamentos do território. Também a divisão internacional do trabalho aumenta, a proliferação de técnicas eficazes, assim como a troca entre grupos se faz cada vez mais necessária.

Santos propõe uma maneira outra de incluir a realidade, do espaço como um híbrido, apoiada na pungência do que Latour chamaria de equívoco epistemológico da modernidade (Latour, 1991 apud Santos 2022, p. 100) para compreender a inseparabilidade relacional entre sistemas de objetos e sistemas de ações: abandonar (a perspectiva moderna) de trabalhar com conceitos puros e excludentes como natureza e cultura, já que “*natureza e sociedade não são mais os termos explicativos, mas, ao contrário, requerem uma explicação conjunta*” (Latour, 1989, p. 108 apud Santos, 2022, p. 100), além do que nos é quase impossível distinguir obras naturais de obras artificiais, assim, porque não pensar em híbridos, questiona Santos, como já havia proposto com a noção de forma-conteúdo (Santos, 1978 apud Santos, 1996, p. 102), com a ideia de mistos onde “*a cada evento, a forma se recria. Assim, a forma-conteúdo não pode ser*

---

<sup>40</sup> Agora o meu tempo é tempo do outro, imagina se não o fosse, a quantidade de acidentes em sinalizadas que estaríamos a vislumbrar.

*considerada apenas como forma, nem apenas como conteúdo*”, mas sim uma união do natural com o social, do objeto com o sujeito (Santos, 1996, p. 102-103).

Porém, se parto do pressuposto de Santos que a informação informatizada alterou a divisão do trabalho, isto explica seu caráter recidivo: a quantidade de obras de artes, músicas, textos, criados pelas inteligências artificiais, podem levar a um aumento de desemprego e medo coletivo; entretanto o maior problema continua sendo a artificialização gerada pela comunicação: ela atenda um público, pois o computador-autômato só gera o que queremos ver, o que alguém quer que vejamos; por enquanto<sup>41</sup>, o computador continua sendo um ente não metafísico em pensamento. Quanto a isso, acho pertinente a colocação de Ribeiro (2017), de que Sloterdijk ao conversar com antropólogos contemporâneos<sup>42</sup> propõe uma saída destes dualismos da modernidade com a tecnologia, “*pois ele é mais capcioso do que imaginamos: quando falamos de tecnologia, já temos a intenção de logo pensar tecnologia como oposto de alguma outra coisa. E este movimento de dualização é constante, a tecnologia por exemplo, é sempre vista como forasteira*”. (Ribeiro, 2017) Por isso, muitas pessoas têm criado um preconceito com a tecnologia, como uma alteridade e que ela fosse algo que fosse lhes destruir a integridade, e o problema é que a integridade nunca existiu senão uma construção constante.

Em Sloterdijk, no seu projeto Esferas, há uma conversa com o meio-ambiente na concepção de Jakob von Uexküll de *unwelt*, ou em tradução livre, de ‘meio circundante’. Conforme Ribeiro (2013) “*para Sloterdijk o surgimento dos espaços de intimização está diretamente ligado à emergência daquilo que podemos definir como propriamente humano, ou seja, as esferas de intimidade são os primeiros Umwelten (mundos circundantes)*”. Se partirmos de uma compreensão miltoniana, ou de encontro friccional entre os autores, Sloterdijk também propõe o estudo da técnica dos agrupamentos humanos; neste caso, não materializada pelos objetos, mas por zonas intersticiais de relação; não na produção técnica já consolidada no meio pelo homem,

---

<sup>41</sup> Talvez não tão cedo os computadores criarão pensamentos, pois no fundo nem mesmo computadores quânticos, ou baseados em redes neurais, escapam de uma verdade: é necessário um homem injetar um algoritmo com maleabilidade finita.

<sup>42</sup> Latour, Philippe Descola (Além de natureza e cultura), Donna Haraway (hibridização entre natureza e ciborgues – *natura naturans, natura naturata* (Ribeiro, 2017)

como em Santos, mas, por exemplo, nos espaços de zonas afetivas de baixa intensidade<sup>43</sup>. A grande virada conceitual nesta proposta do estudo das relações intersticiais, proposto pelo filósofo de Karlsruhe, é que ela revoga a eterna procura das ciências modernas no chamado *elo-perdido*. Ghiraldelli diz que o maior acerto de Sloterdijk é neste afastamento: essa busca da biologia num organismo, num fóssil que fez a passagem do símio para alguma coisa que chamamos de homem, diz assim: “*Não se trata mais de ver o homem como um ser natural que produz cultura, mas simplesmente como o que é efeito de ‘antropotécnicas’ que não distinguem entre o útero e o não útero ou que, na filogênese, elimina de vez o mito do ‘elo perdido’*” (Ghiraldelli, 2018, p. 52). Acredito que por este motivo a maioria dos leitores de Sloterdijk concordam que ele está propondo uma fusão entre a biologia e a filosofia, uma biosofia, pois isto elimina a necessidade deste artefato místico, este grande tabu das epistemologias modernas, o elo-perdido.

Para Santos, estas relações que são de espectro intimista, aparecem pela dialética, hibridizadas entre uma história da natureza e uma história da cultura; Santos define uma distinção entre a produção material de concretude e a produção imaterial, a qual determina ser a técnica desenvolvida pela imaterialidade do agrupamento humano, que é a cultura. Assim, os produtos sólidos e concretos que o homem produz num sistema econômico são resultado de uma modificação da natureza, e esta é vista como a base fundante da concepção hominídea, a do mamífero que intervêm na natureza concretizando espaços através de técnicas. O geógrafo Ubiratan Machado<sup>44</sup> lembra que o homem desenvolve maneiras específicas de intervir e se posicionar perante a natureza e ao objeto técnico (o objeto material), de modo que esta produção do espaço geográfico, ela também está ligada intimamente à cultura. A cultura é um elemento fundamental na construção do espaço geográfico, porque é partir desse elemento cultural que o homem passa a interpretar o que é a natureza do ponto de vista daquele agrupamento humano, e a intervenção é feita com base nesse ponto de vista. Por isso, a técnica em Milton Santos não é sinônimo de tecnologia; Milton reconhece a importância da tecnologia, porém

---

<sup>43</sup> No livro *Esferas I*, Sloterdijk trata das relações que surgem do útero-mão, mãe-filho, filho-família, famílias-tribos etc. – que compõe a primeira morfologia proposta por Sloterdijk, de uma conformação em bolhas.

<sup>44</sup> Para mais informações, o Geógrafo e Prof. Ubiratan Machado apresenta um curso sobre Milton Santos em site próprio. Diz que chegamos ao ponto de algumas sociedades criarem animais para abate sistemático (a nossa sociedade de consumo capitalista é um exemplo), que enxerga o animal-de-corte como um objeto técnico, enquanto outras sociedades e crenças pedem ‘desculpas’ antes de abater um animal devido uma imaterialidade antecedida. Disponível em: <https://www.geografiaonline.com.br/naturezaespacoum>

ressalta a tendência deslocada da sociedade moderna em abduzir esta produção, que geralmente surge nas grandes Universidade e Centros Acadêmicos, para dentro do setor privado. Para Santos:

Num mundo em que o papel das tecnociências se torna avassalador, um duplo movimento tende a se instalar. De um lado, as disciplinas incumbidas de encontrar soluções técnicas, as reclamadas soluções práticas, recebem prestígio de empresários, políticos e administradores e desse modo obtêm recursos abundantes para exercer seu trabalho. Basta uma rápida visita às diferentes Faculdades e Institutos, para constatar a disparidade dos meios (SANTOS, 2008, p. 09).

Ghiraldelli (2018) diz que a narrativa de Sloterdijk é de antever o sujeito: “*o sujeito antes do sujeito*” através de uma “*ginecologia negativa*”, isto é, os processos anteriores aos processos uterinos, num processo arqueológico das relações de intimização e imunização do homem para com o espaço. Mas Sloterdijk, como mencionamos anteriormente, está propondo uma nova topologia para as relações sociológica, então o termo cunhado para evitar regredir ao diapasão da ‘natureza’ e da ‘cultura’ que ele propõe são as antropotécnicas<sup>45</sup>, assim lidando de forma externa às duas episteme que foram dadas como distintas na modernidade: a ontogênese (desenvolvimento embrionário, a história do indivíduo uno) e a filogênese (a história do surgimento do homem). Resume Ghiraldelli:

Antropotécnicas são técnicas de geração do homem que o fazem existir e jamais parar de alterar-se. Do útero conformado na produção de seres de grande cabeça (somos sempre parecidos com fetos) à engenharia genética, passando por inúmeras técnicas de ascese (religiosa, atlética e intelectual) e pela mão mecânica – eis aí as antropotécnicas.” (Ghiraldelli, 2018, p. 37)

Reitero a solidez da proposta de que ambos os intelectuais estão promovendo uma virada conceitual: Milton está interessado em discutir a técnica como

---

<sup>45</sup> A ideia de que o humano é construído por tecnologia é um tropo comum do pós-humanismo. Peter Sloterdijk, por exemplo, usa-o no seu controverso ensaio *Regras Para o Parque Humano* quando ele apresenta o homem como o ser que habita não somente a linguagem, mas também casas, e assim, como o ser que faz casas que fazem o homem e que tem de ser politicamente domesticado, e geneticamente, através de uma seleção pré-natal (SLOTERDIJK, 1999, p. 35-47). Na Alemanha, esta proposta tecnoantropológica provocou uma enorme, e antes de tudo repugnante, televisionada, controvérsia entre Habermas e Sloterdijk (Liinc em Revista, v.6, n.2, setembro, 2010, Rio de Janeiro, p. 214-234).



geradora do espaço, tanto pela imaterialidade como pela materialidade, através de uma discussão que abarcado outras áreas acadêmicas que o professor diz que autores negligenciaram; Sloterdijk está interessado na dissolução do diapasão imposto pela academia de olharmos somente à história da natureza (biologia) e à história da cultura (relações). De fato, julgo que a maior diferenciação entre os autores esteja no cunho do conceito de *antropotécnica*, pois ela traz a discussão que o homem se autoproduziu<sup>46</sup> no trabalho ao transformar a natureza; vejo em Santos que o conceito de transformação pela técnica esteja muito diretamente ligado a modificação do espaço (produção da materialidade dialética), não diretamente referida a subjetivação ôntica do sujeito ao espaço. Assim, ambos, ao seu modo, estão buscando uma nova discussão para a percepção de uma nova ontologia de espaços. Compreendo a principal convergência está em Sloterdijk a um retorno uterino de proteção casular, e Santos de que são as técnicas, do ponto de vista do objeto material e imaterial, que criam as relações de liga na sociedade. Ademais, Milton conversa pela via dialética e Sloterdijk pela via do pensamento diádico, ou relacional. Entretanto há um ponto de divergência a ser referido, no *Natureza do Espaço*, Santos (2022) ajuíza que a humanidade não se desenvolve se não intervir na natureza por meio da técnica, pois o homem é resultado direto de sua interação com o meio circundante, e que na falta de uma técnica, na ausência de recursos o homem se encontra em espaços hostis à vida<sup>47</sup>. Ambos os autores estão pensando na técnica para além da tecnologia, do que Santos chama de “*técnicas industriais*”, que propiciam, quando levadas em consideração as ações e intencionalidade<sup>48</sup> operantes no sistema, ao desvelo da realidade.

---

<sup>46</sup> Sem esgotar o assunto das antropotécnicas, as básicas, elencadas pelo Ghiraldelli (2018) são as seguintes: *insulação* (criação de se isolar, criar espaços interiores, se estabilizar); *exclusão corporal* (reconhecer que temos a capacidade de utilizar objetos técnicos e protéticos); *pedomorfose ou neotenia* (somos animais que por uma escolha estética não nascemos prontos como os demais mamíferos, uma das causas pode ter sido o mimo, uma escolha bioestética que acabou gerando uma prematuridade no nascimento, até mesmo porque a mulher não comportaria maior tempo de gravidez sem gerar riscos a ela ou ao bebê); e a *transferência* (a criação de proteção psicológica, por exemplo através da criação de uma religião que tudo consola).

<sup>47</sup> Para mais informações sobre a hostilidade criada pela artificialidade dos novos espaços, em *Metamorfoses do Espaço Habitado*, Santos (2012) menciona que “*o meio urbano é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos da natureza primitiva, crescentemente encobertos pelas obras dos homens. A paisagem cultural substitui a paisagem natural e os artefatos tomam, sobre a superfície da terra, um lugar cada vez mais amplo (...) (e) tudo isso se dá em um quadro de vida em que as condições ambientais são ultrajadas, com agravos à saúde física e mental das populações. Deixamos de entreter a natureza amiga e criamos a natureza hostil*”.

<sup>48</sup> Diz Santos (2022, p. 37): “*quando geógrafos escrevem que a sociedade opera no espaço geográfico por meio dos sistemas de comunicação e transporte, eles estão certos, mas a relação, que se deve buscar, entre*

## 7. Da ontologia globalizante<sup>49</sup>

Para Sloterdijk a globalização saturou como conceito unívoco e atual: [1] *está saturada no sentido moral do termo*’ (Sloterdijk, 2008, p. 20), isto é, assim como sua própria concepção de termo, globalizante pois também são suas consequências para as populações. A *globalização terrestre*, como chama Sloterdijk, este movimento frente às descobertas marítimas que implementaram o colonialismo da Velha Europa e do cristocapitalismo ampliando os limites geográfico desta; [2] *“também está saturada no sentido técnico”* (id., ibid., p. 20), pois mesmo o transporte marítimo hoje sendo responsável por 95 por cento da movimentação de mercadorias do capital<sup>50</sup>, esta modalidade de comércio difere do próprio modelo que definiu os contornos daquele sistema mundial atual, conforme debatemos anteriormente. A interação geopolítica entre as nações resulta num movimento de retorno de ofensivas de qualquer iniciativa; assim a [3] globalização *“está ainda saturada no sentido sistêmico”*, isto é, quem avança unilateralmente, será exposta e julgada pela observação do outro<sup>51</sup>.

Milton (Santos, 2022), como já esclarecido, quer trabalhar a interdisciplinaridade conceitual do espaço geográfico, construído sob uma rede de

---

*o espaço e o fenômeno técnico é abrangente de todas as manifestações da técnica, incluídas as técnicas da própria ação”.*

<sup>49</sup> Embora ambos autores trabalhem com três distintos períodos temporais para o conceito de globalização e sua dispersão pelo globo terrestre, os momentos históricos e as aspirações ontológicas são distintas, sendo esta a proposta de análise deste capítulo.

<sup>50</sup> Conforme o jornal alemão *Zeitschrift für Bankpolitik und Praxis*, de agosto de 2008. *“Im internationalen Handel ist der Seetransportweg nach wie vor unverzichtbar, etwa für Rohmaterialtransporte sowie für Im- und Exporte von Nahrungsmitteln und Industriegütern. Rund 95 % des Ferngütertransports im Welthandel und 90 % des Außenhandels sowie 40 % des Binnenhandels der Europäischen Union werden über den Seeweg abgewickelt”*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20081226150733/http://www.die-bank.de/finanzmarkt/leinen-los> (acessado em junho de 2022). No comércio internacional, o transporte marítimo continua a ser indispensável, por exemplo para o transporte de matérias-primas e para a importação e exportação de bens alimentares e industriais. Cerca de 95% do transporte de longa distância de mercadorias no comércio mundial e 90% do comércio externo e 40% do comércio interno da União Europeia são realizados por via marítima. (Tradução livre);

<sup>51</sup> Sobre a saturação sistêmica da globalização, diz Sloterdijk (2008): *“há que apreciar como novidades morais a nível mundial os processos contra chefes de Estado criminosos como Pinochet, Milosevic, Saddam Hussein e outros infelizes unilateralistas.”* (id., ibid., p. 21); ao mesmo tempo que esta *“hipercomunicativa constituição do sistema-mundo corresponde uma incomodidade difusa”* (id., ibid, p.23), isto é, tanto se falou dos benefícios da globalização para a comunicação, sem suspeitar que agora a distância não é impeditiva para proporcionar a dor e desgraça no outro, o outro distante.

categorização, mas nunca olvidando que os conceitos são como metáforas<sup>52</sup> que fluem com diferentes significados entre uma disciplina e outra, já que cada disciplina possui uma constância de categorias para definição de seus conceitos. Santos dirá que “*uma definição consistente do espaço geográfico não poderá ser encontrada nas metáforas de outras disciplinas*”; ao passo que Sloterdijk quer fugir desta rede de categorias, para isso acaba criando também um vocabulário próprio para abranger essa biosofia (em seu projeto esferológico).

Seguindo a linha de raciocínio proposta por Martin Albrow, escritor do livro *The Global Age: State and Society Beyond Modernity*, responsável pelo conceito de Global Age, de que estamos vivenciando, deverás, um período de ato consumado da globalização terrestre<sup>53</sup>; ou ainda, de que a globalização era um processo de via única inevitável, no qual Oskar Halecki chama de ‘*milênio europeu*’ (Halecki, 1966 apud Sloterdijk, 2008, p. 169), do qual o autor concorda, embora compreenda que este pareça um termo de uso duvidoso, pois ele expõe a simetria do europeu com o não-europeu, do colonialismo, com o pós-colonialismo; assim, somos livres para reformular o ideário de que não foram os Europeus que descobriram as américas, senão “*foram descobertos em Outubro de 1492 pelos indígenas das Caraíbas*”. (Sloterdijk, 2008, p. 169) Embora tenhamos que concordar como inegável que a ofensiva Europeia definiu e consolidou o sistema mundial, definindo até mesmo os *global players* de toda situação geopolítica mundial.

Sloterdijk decreta a conclusão da globalização terrestre, estamos vivendo num período transitório, um “*efeito de espumas*” (id., ibid., p. 171), de abertura de novas vias que antes foram palco dos atores e desbravadores marítimo num movimento para o segundo ecúmeno, a *Global Age*, então “*se a era da globalização foi determinada pelas (...) aberturas de vias, a Global Age foi determinada pelos itinerários (...) se um dos elementos da globalização era o espírito de aventura (...) aos conferencistas da era global, entram no avião com o cartão de embarque e seu manuscrito terminado*” (id.,

---

<sup>52</sup> Esta dificuldade de conceituar uma nítida diferenciação entre lugar e região, é reconhecida por Santos (2022, 2012) em toda sua obra; ele reconhece a dificuldade de se trabalhar com metáforas e conceitos transdisciplinares, pois os conceitos de uma área se tornam metáforas para as outras, e as metáforas dão uma forma ao conceito, mas não conseguem preencher a sua completude.

<sup>53</sup> No caso da terminologia sloterdijkiano que estamos propondo, compreende-se a globalização como ‘globalização terrestre’.

ibid., 170) Assim, não podemos esquecer que a arquitetura urbana passa ser uma cristalização deste processo: “*as metrópoles contemporâneas provêm de várias centenas de anos de colonização*” (id., ibid., p. 170). A sua proposta é de retorno à história – no sentido de história do mundo (id., ibid., p. 176) –, assim teremos uma resposta ontológica de como conseguimos passar da expansão marítima, destes “*globonautas europeus*” (id., ibid., p. 174), movidos por uma fé correspondida pelo retorno à Europa com ouro, à situação da idade global (da coesão das culturas em pluralidades irreduzíveis (id., ibid., pp. 174-179). Podemos supor que a história da globalização tenderia a virar uma história teleológica, “*contendo em si o critério da sua conclusão*” (id., ibid., p. 172) isto é, uma história com começo: 03 de agosto de 1492, parte Colombo e suas três caravelas, e um fim, em 1944, com o acordo de Bretton Woods, e a criação de um contrato de Global Age, a paridade dólar-libra. A globalização se torna completa com o sistema de Bretton Woods, mas termina efetivamente com a instalação de uma órbita eletrônica de satélites e a dissolução da informação.

Interessante como Sloterdijk menciona que a “*vida pune todo aquele que não leva o globo a sério*” (id., ibid., p. 173), o que não deixa de ser verdade, já que as epistemes de rotundidade do globo, até o século XVIII, eram praticamente de interesse da burguesia. Entretanto, os marinheiros até podem ter se movido com a fé, entretanto retornam ao continente com o saber; saber este que quebra as égides do pensamento pré-colombiano e pré-copernicano da rotundidade.

Quando falamos em Filosofia do século XIX, considero Sloterdijk um pensador de disruptivo; hoje não há como transpassar o pensamento sociológico de redes sem agregar o seu nome; juntamente com Latour, rompe com a dicotomia das teorias liberais e marxistas vigentes na academia. Ao propor uma nova topologia de relações diádicas esféricas das relações de intimização e imunização, Sloterdijk acaba por ressuscitar o intelectualismo de grandes narrativas: usa desde a literatura teológica até a antropologia dos primeiros homínídeos; não é crítico do marxismo, até porque é um dissidente da Escola de Frankfurt, também está longe de ser apregoado de conservador e liberal como a maioria dos leitores iniciais das suas obras tendem a enxergá-lo. No entanto, mesmo tendo escrito seu livro *O Sol e a Morte*<sup>54</sup>, uma tentativa de análise da gnose no ocidente e oriente, no fundo não se apresenta como um autor aberto a discussão

---

<sup>54</sup> *O sol e a morte: investigações dialógicas*, livro de 2001 em colaboração com Hans-Jürgen Heinrichs.

decolonizante, e que apresenta uma não compreensão nas estruturas de interseccionalidade decolonizante – quando diz que “*a União Européia tornou-se possível quando todas as nações que dela são membros se encontraram numa situação pós-imperial*” (id., ibid., p. 183), não consigo encontrar em seu texto um paralelo que são situações distintas; se partir de uma visão dialética igual a de Santos, poderia dizer que a primeira destas é que das colônias todas as riquezas foram roubadas, e nesta Global Age, que Sloterdijk (2008) menciona, os países detentores das maiores riquezas, quer sejam elas materiais, ou quer sejam elas especulativas com influência nos mercados externos, ganha aquele *player* que tiver a maior vantagem bélica e financeira. Em sua obra *Palácio de Cristal*, é difícil encontrar pensadores que fujam do grande eixo europeu acadêmico e literário. Diz, em determinado momento: “*haveria que remeter os críticos do eurocentrismo para um fato importante: em nenhum momento houve projeto comum de captura europeia do mundo (...) à parte certos gestos universais e impotentes da Santa Sé*”. Na bem da verdade, Sloterdijk está concordando com o que denomina uma ‘*ficção-pós-colonial*’, em que a Europa foi colocada num de papel de colonizador que lhe não corresponde, e nunca lhe correspondeu, senão a imperialismo individuais de cada um dos seus países, assim a crítica falha no alvo, numa tentativa de avultada abrangência. Encontro em Santos (2022) uma crítica a esta dissociação de despolitizar uma discussão macro sobre a matriz colonizadora europeia; diz:

(...) a difusão dessas técnicas foi, de certa forma, atenuada por motivos políticos. A criação dos grandes impérios coloniais reforça o poder das potências europeias, e o seu domínio sobre grandes porções do resto do mundo vai se dar a partir de um comando do comércio, cuja base é política. Os mercados eram ainda nacionais (o que deve ser interpretado em sentido largo, considerando que as fronteiras dos Estados coloniais abrangiam os territórios dominados distantes) e as diferenças de poder tecnológico eram compensadas pelas vantagens comerciais que cada um deles se podia atribuir livremente. A concorrência entre os países centrais não tinha como base a tecnologia, mas a política comercial. (Santos, 2022, p. 191).

A conclusão deste objeto epistemológico da geografia permitiu ao professor Milton discorrer sobre como o global age sobre o local. Uma pequena banalidade, mas é através deste método que conseguimos compreender a influência de

uma determinada posição ideológica festiva sobre uma geo-localidade<sup>55</sup>, por exemplo; para tanto, será necessário olhar não somente esta como um evento de ação racional, mas também detentora de uma atividade simbólica no espaço. Sloterdijk parte do mesmo proposto, diz que a frase de Miguel Torga (apud Sloterdijk, 2008, p. 270) de que “*o universal é o local sem paredes*”, até pode ser simpática, agregando a ideia de uma soma, mas é sintomática pois supões a existência de um Global Age, é também ingênua em delimitar paredes onde não há. Por isso é difícil objetivar e relativizar situações, ações, que envolvam o componente humano em um determinado espaço. Santos compreende a existência de uma dualidade, o que Benko (1990, p. 65 apud Santos, 2022, p. 314) chama de glocalidade, onde “*uma maior globalidade corresponde uma maior individualidade* (Santos, 2022, p. 314) que surge entre globalização e localização, assim as “*atuais condições de globalização a metáfora proposta por Pascal parece ter ganho realidade: o universo visto como uma esfera infinita cujo centro está em toda parte*” (id., ibid., p. 313), além de propiciarem uma redescoberta do corpo humano como algo ínfimo, uma mediocridade imposta num local, “*um holograma que (...) contém o todo planetário que o contém*”. (Morin, 1990, p. 44 apud Santos, 1996, p. 313). Este pensamento de Santos é contradito ao de Sloterdijk que considera as expressões de glocalidade de Benko como ilusórias em “*ligar o local e o global como o ponto e campo*”, quando na verdade o espaço é homogêneo e as posições dos jogadores são reversíveis.

Como estamos trabalhando com uma proposta dialética marxista do espaço, que nos proporciona uma visão pragmática, já que ele inclui estas “*conexões materialísticas de um homem com o outro*” (Marx & Engels, 1947 apud Santos, 2022, p. 321), Santos, num movimento que até mesmo parece síncrono, rebate críticas como as de Sloterdijk em tratar como ilusório a crença de que há um grande agente verticalizante, ressaltando a importância, no entanto, de não desabarmos a compreensão até agora na conceituação ontológica do espaço num reducionismo de uma simplificação cega (Benko, 1990, p. 65 apud Santos, 2022, p. 314) de que os fenômenos locais sejam todos decorrentes de forças globais, assim “*através do entendimento desse conteúdo geográfico*

---

<sup>55</sup> Para mais informações, o Geógrafo e Prof. Ubiratan Machado apresenta um curso sobre Milton Santos e a Natureza do Espaço, exemplifica didaticamente a compressão desta passagem ao supor que ocorra um evento religioso, num local, não somente ele tem um componente de espaço local, como ele pode ser advindo de uma força externa global, por exemplo, da Igreja Católica. Assim, a organização destas pessoas, pode ser analisada pela força externa da hegemonia da Igreja, tanto quanto pelo pertencimento e solidariedade das pessoas que vivem no local, muito mais por forças horizontais.

*do cotidiano poderemos, talvez, contribuir para o necessário entendimento (e, talvez, teorização) dessa relação entre espaço e movimentos sociais”* (Santos, 2022, p. 321).

Diante do proposto, ambos autores atentam à globalização com ponto de partida muito próximo: (a) Sloterdijk, primeiramente nos processos de esferização cartográfica, um pouco anterior as grandes navegações, este período se consolida com o homem-para-além-mar; (b) para Santos a globalização parte diretamente da criação destes fluxos comerciais da Europa matriz-colônia para o além-mar. Para os eventos sucessivos da globalização, as teorias de ambos os autores não convergem; para além da verdade, ainda bem que não convergem, assim permitem um avanço, pois de consenso já nos basta a finitude da vida (*sic*). Em Sloterdijk (c) a globalização passa por este processo topográfico de criação de globos (reinos, reinados, Santa Igreja, dinheiro etc.) e culmina com sua dissolução no pós-Segunda-Guerra mundial. Assim, atualmente, o que poderíamos considerar como um terceiro período de globalização em Sloterdijk, diz muito da dissolução dos globos em pequenas o-esferas presentes nas espumas. (d) Em Milton Santos, ocorre um segundo período da globalização como categoria determinante no período técnico-informacional, nos anos 1970, com a conformação dos territórios, ou seja, uma territorialização pelos tentáculos do capitalismo pelo uso da técnica e da tecnologia frente uma imprensa de profusão mundial, que culmina nesta sua teoria, para assim dizer, uma terceira-globalização, que prospera o auge da década de 1990: globalização como fábula (como o capital a apresenta), globalização como perversidade (como o capital age), e propõe a globalização como ela poderia ser, uma globalização humana. Há, porém, um encontro de ideais entre ambos os autores, esta (e) globalização humana, de Santos, onde o bom uso da difusão da técnica, conversa em muito com o último capítulo do Palácio de Cristal, (f) onde Sloterdijk propõe a criação de uma esquerda celeste, isto é, uma esquerda que olhe o globo de fora, um afastamento que nos liberte dos discursos bi-valentes, isto é, discursos que oprimem para libertar. Este discurso que, como este emissor de poder cria vários globos de proteção próximo a ele, acaba se torna um ponto cego, do tipo, “*quem rege este rei; ou quem observa este observador?*”.

## 8. Do Palácio de Cristal e dos templos de consumo, a globalização financeira

Surge uma mais-valia-fugaz, que busca o lucro incessante pela manipulação do mercado tanto material quanto informacional (Santos, 2022, pp. 210-211), no nível de mercado global com a mundialização da “*produção, o produto, o dinheiro, o crédito, a dívida, o consumo, a política, e a cultura*” (id., *ibid.*, p. 204) que começa a desmaterializar a economia, para constituir uma nova economia baseada no poder da informação (id., *ibid.* p. 206). Agora as empresas deixam de serem multinacionais e transnacionais, de conceituação geográfica, para se tornarem empresas globais, móveis, não fixas. Essa “*revolução eletrônica assegura mais força às grandes feudalidades técnico industriais*” (Corm, 1993 apud Santos, 2022, p. 207) e aumentou a possibilidade de instauração de uma financeirização da economia através de um “*aperfeiçoamento nos processos de autorregulação*” (id., *ibid.*, p. 210) advindos desta instantaneidade das trocas.

Tomando a expressão de Dostoiévski, para conceituar o Palácio de Cristal<sup>56</sup>, dada como nome ao Palácio da Exposição Universal de 1862, refere-se Sloterdijk (2008) a este “*devir-mundo do mundo no início do fim da era da globalização*” (Sloterdijk, 2008, p. 184); uma construção híbrida e climatizada que reproduzia no final do século XIX a psicodelia do capitalismo do final do século XX, com uma capacidade de estufa para “*transformar a natureza e cultura, à uma, em assuntos de interior*” (id., *ibid.*, pág. 188), ou de se “*fazer a sociedade enquanto tal um objeto de exposição de si própria*” (id., *ibid.*, p. 190). De início Dostoiévsky vislumbra esta construção climatizada, de vidro e aço que abriga o símbolo do ocidente, o de um “*relaxamento pós-histórico*” (id., *ibid.*, p. 185), onde “*o conforto não parará de fluir e de crescer*” (id., *ibid.*, p. 186) ou também definida como *consumismo* (id., *ibid.*, p. 186). Compreenderia, Dostoiévsky, mais tarde, todavia, quando preso na Sibéria, de que a casa fechada se transforma em *casa dos mortos*, assim descobre que “*a biopolítica começa sob a forma*

---

<sup>56</sup> O prédio original, construído a partir do outono de 1850, no Hyde Park de Londres, e inaugurado na presença da rainha Vitória, teve uma incrível realização tecnológica considerada obra de Estado-maior, pois reinstalado em 1854, quando ampliado e aprimorado em suas proporções, no subúrbio de Sydenham, em Londres, até sua destruição num incêndio em 1936. No ano 1862, Dostoiévski visitou o palácio da Exposição Universal em South Kensington (maior que o Crystal-Palace de 1851). Provavelmente, Dostoiévski transpôs o nome de palácio de cristal para o edifício da Exposição Universal por este não ter nome. Segundo Sloterdijk, Memórias do Subsolo é, além de documento que inaugura a psicologia moderna do ressentimento, a primeira oposição à globalização Conforme Silva e Félix (2014).



*de um edifício em recinto fechado*” (id., ibid., 185). Essa concepção, de constituição de uma esfera ocidentalizada, das vidas e mimos do ocidente, não fora possível antes senão agora pela ocorrência do espaço pacificado: hoje aviões e navios não caem ou afundam senão por defeitos na instalação técnica. Diz que “*se, hoje, o turismo constitui o fenômeno de ponta do way of life capitalista (...) tal deve-se precisamente a maior parte de todos os movimentos ligados à viagem podem ocorrer no espaço pacificado (...) (assim) para partir não é preciso sair*”. (id., ibid., p. 210). “*Uma teoria da idade contemporânea tem que partir necessariamente da globalização consumada*” (Pessanha, 2016), assim neste novo mundo, com a difusão midiática, nesta terra-aeroporto (id., ibid., p. 32), onde há um encurtamento, uma dilaceração espacial, e o dinheiro, no máximo, cria invisíveis e finas paredes.

Em boa parte, este movimento de encontrar pontos de tensionamento, e através da fricção da produção intelectual de ambos os autores, definir minuciosamente cada qual metodologia abordada determinada prospecção dos problemas sociais é aqui parte de nossa função como pesquisadores sociais. Desta maneira, devemos pontuar que Sloterdijk não abordará o tensionamento do capitalismo através do materialismo histórico, como Santos, o que para mim foi uma problemática inicial da pesquisa que deverás foi contornada pela própria indicação de Sloterdijk: olhar os acontecimentos atuais através da poética da política (leia-se geopolítica) (Sloterdijk, 2008, p. 162). Desenvolvamos a discussão sobre a complexidade da hegemonia americana, por exemplo, para explicar a necessidade de militarização e guerra para a manutenção da hegemonia da estufa artificial – *estufa americana* (id., ibid., p. 263) –, Sloterdijk parte do pressuposto que não há contestação da estrutura capitalista: privilégio de certos lugares; onde os Estados Unidos da América, com a motivação denominada *The American Dream*, criaram uma grande esfera de conforto (id., ibid., p. 248). Sua abordagem se resume em encontrar quem deu voz autêntica da América para que esse país se posicionasse como polo hegemônico (id., ibid., pp. 258-259); dar voz a este país de “*habitus fundado na falsificação forçada do balanço emocional coletivo*” (id., ibid., p. 250). Através de uma análise psicopolítica, no âmago do sonho americano não encontraríamos motivos, senão incompreensíveis, para estar-nesse-país. (id., ibid., p. 248), que são eles: [1] quem quer que queira fazer algo novo pode fazer algo novo (promove desenvolvimento tecnológico); [2] eles possuem eleições, que carrega uma sintaxe muito profunda de ser sujeito eleito; [3] existe de um contrato social psicodinâmico que reformula a resolução de problemas

em dermos de desafios, visando sua eliminação. O problema, diz Sloterdijk, é que após o 11 de Setembro, e uma guerra contra o invisível, o ideário de direitos humanos estadunidense agora é subordinado a “*eliminação por todos os meios daquilo que nos puxa para baixo*” (id., ibid., p. 260). Desta pesquisa psicopolítica, descobre que a aglutinação destas características primárias, emerge este “*país do escapismo realmente existente. Lar de fugidos (...), vendo-se numa situação sem saída na sua antiga terra-mãe, migram para um vasto espaço de segunda oportunidade*”. Estes são os motivos; a verdadeira resposta para isso pode ser [1] *moral*, de se acharem benevolentes ao mundo; [2] *uma realpolitik*, de não deixarem novos players (China e Rússia avançarem no eixo geopolítico); uma *noopolítica*, de detentores da informação mundial; ou *mitodinâmica*. Poderíamos pensar o quanto mais significativo seria criticar o modo de vida americano ao invés de mobilizar guerras para salvá-lo, confrontar dados estatísticos, ao invés de mascará-los? Sloterdijk critica o materialismo ao analisar somente a abordagem dos fatos econômicos capitalistas, esquecendo os fatores geopolíticos que molda “*este estilo militarista da política externa americana*” (id., ibid., p. 263).

Sloterdijk nos lembra que ao falarmos de ‘*globalização*’, estamos na verdade falando de continentes artificializados “*pelo conforto sobre o oceano da pobreza*” (id., ibid., p. 211), de cascas, estufas, invólucros que dizem respeito somente a quem possui poder de compra. Assim, por exemplo, dirá Sloterdijk, que estar a bordo, por exemplo, de um dos cruzeiros mais luxuosos (até 2006), o Queen Mary 2, é uma exclusividade é inerente ao projeto capitalista de um Palácio de Cristal flutuante, pois a sua “*existência pressupõe um exterior sobre que possamos descarregar o ônus e que, provisoriamente possamos ignorar (...) a atmosfera terrestre que quase todos os atores reivindicam como lixeira global*” (id., ibid., p. 211). E isto explica por que a globalização acaba sendo um conceito provinciano, sob a forma de “*um monólogo das zonas de prosperidade*” (id., ibid., p. 211). Entretanto, esta visão de caráter completamente injusto de pertencimento, dado pelo poder aquisitivo, esconde uma das transformações da transmissão monetária: a universalização hoje se dá sim por dinheiro, eu consigo acessar os bens e os locais através da transmissão necessária, onde “*nas situações pré-monetárias, praticamente todo os acessos às pessoas e às coisas estavam abertos pela pertença a um grupo e à sua envolvência dos objetos*” (id., ibid., p. 223). Assim, diz Sloterdijk (2008), o dinheiro hoje assume o papel coalescente, de agregar o êxito da operacionalidade, que antes da modernidade pertencia as religiões e a Deus o papel de ofertar conforto.

Sloterdijk propõe que as pessoas que detém poder de compra necessitam ser analisadas por estas três palavras-chave: [1] *tédio*, [2] *existência na estufa*, e [3] *reconstrução sociopolítica* (pág. 226). Nesta existência na estufa de conforto moderno ocorreu, o que denomina, *mudança de mentalidade da urgência*: “o reino da necessidade dá lugar ao reino da liberdade”, assim “onde havia necessidade, pode advir o capricho” (pág. 227). Onde havia capricho, por exemplo, após uma expansão do Estado-providência moderno, - como os bens de consumos hoje perderam as suas características de raridade e exclusividade na modernidade – ocorre uma desoneração que amplia o tédio na “*estada no éter confortável da estufa*” (p. 227). Entretanto, este mesmo Palácio que provém conforto, cria um fenômeno inevitável advindo deste medo da desoneração constante: o stress. Sloterdijk prevê uma ambiguidade da modernidade: há uma criação de stress artificial para manter esta constância que rege a sociedade: desoneração-oneração. É muito interessante no Esferas III (Sloterdijk, 2004), por exemplo, esta constatação de movimento do capitalismo ter trazido uma produção de gases tóxicos para as grandes Guerras, como objeto de consumo hoje: os agrotóxicos. O limite do terrorismo e de uma guerra é muito pequeno, sendo aquele um ataque ao entorno e este, um ataque aos civis (Ribeiro, 2017). Sloterdijk traz este debate de espaços artificiais, climatizados, que já não se sustentam sem a artificialidade (hoje há regiões no planeta onde a vida se tornaria insuportável sem condicionamento de ar).

Agora, nos polos globais, ditos complexos, como os quais habita a diferença acentuada, pontua Santos (2008) se encontrariam nas grandes cidades, este lugar onde há difusão de dois vetores distintos que convivem em equilíbrio: o das forças hegemônicas e as forças contrárias a estas. O espaço urbano compreende um mercado urbano e um território urbano que constituem uma nova ecologia urbana (Santos, 2022, p. 307), e somente pode ser compreendido pela temporalidade do fazer interseccionado com a temporalidade dos objetos estruturantes deste espaço. Assim os bens materiais que o constituem este espaço, são adquiridos por status, e os bens imateriais são nada mais que diversões pagas e excludentes. (id., 2011, p. 117). Nestas cidades, não consumir é tornar-se alienado a um movimento contagiante, onde novos templos de consumo são erguidos, os shoppings, com feições de catedrais. (id., ibid., p. 109) Tudo é localizado, até mesmo a ecologia, pois ela abrange o local que a verticalização determinar, ou será que o saneamento básico atingiu sua completude nos bairros periféricos? Como explicar a expropriação de reservas ecológicas para formar um duplo do palácio de cristal

tupiniquim chamado Balneário Camboriú?<sup>57</sup> Então, a noção de público não mais é do que falsa, pois tudo está privatizado (id., ibid., p. 125).

Observe, que a abordagem de Sloterdijk permite-nos compreender as forças psico-bio-políticas que levariam, por exemplo, ricos isolarem-se numa bolha climatizada, deixando os pobres como objetos paisagísticos de uma metrópole decadente, entretanto não é por ela que conseguimos não só trazer as particularidades deste espaço de fome voraz pela expropriação de capital, como propor as soluções; da minha perspectiva, não há como compreender o espaço dos necessitados, o espaço dos pobres, sem a análise dialética marxista de Santos, pois nestas grandes metrópoles acaba sendo “*o espaço onde os fracos podem subsistir*” (Santos, 2022, p. 322). Esta sobrevivência que o pobre encontra nas grandes metrópoles, em eixos deslocados dos caminhos propostos pelos circuitos superiores é que o urbano se consolida. Porque a pobreza encontra um meio de produção da sua própria materialidade nestes espaços. Entre trilhar os caminhos propostos e trilhar o seu próprio caminho, a cidade torna-se um meio de sobrevivência aos necessitados, e, não mais, na visão de Sloterdijk, o pobre como um objeto-vitrine ao capital.

Para Santos, fugindo de uma análise dualista de separar países de *Primeiro* e *Terceiro Mundo*, as cidades comportam duas situações a de economias globalizadas e ricas, e, do que chamo, de **economia de vulneráveis**, sendo cada qual responsável pela produção de seu espaço que consolida uma divisão de trabalho única para a manutenção da vida minimamente aceitável nestes locais. Obviamente que existe uma rigidez na divisão do trabalho nas grandes cidades, que obedecem às forças verticalizantes, mas há, o que o professor chama, uma *flexibilidade tropical* (Santos, 1991 apud Santos, 2022) que propicia uma metamorfose hibridizante de sobrevivência dos mais pobres nos espaços urbanos frente uma força de racionalidade das classes mais abastadas.

---

<sup>57</sup> Para saber mais: **Infrações Ambientais Constatadas Pela Polícia Ambiental no Litoral Centro-Norte de Santa Catarina**, disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8087.017515>

## 9. Totalidade, fragmentos da realidade e des-modernização: o espaço é condicional

Milton Santos propõe um método para aceder a realidade estruturada (Santos, 2022, p. 119), uma realidade hegeliana, onde através da fenomenologia há uma “*transmutação do real-abstrato em real concreto*” (id. Ibid. p. 122). No entanto, toma que ao mesmo tempo que esta realidade se encontra acabada, ela está em movimento, “*porque a totalidade está em perpétuo movimento*” (id. Ibid. p. 122), pois a “*coisa acabada nos dá uma cristalização do movimento, mas não a própria vida.*” (id. Ibid. pp. 119-121). Para Santos, o mundo se apresenta como latência (id. Ibid. p. 122), como manifestações de possibilidade (id. Ibid. p. 123). Assim, “*podemos conceber a totalidade como um todo de ‘essências’ e como um todo de ‘existências’, simultaneamente*” (id. Ibid. p. 122).

Portanto, conforme Santos, devemos compreender uma metáfora que explica este movimento aditivo do capital: a Divisão Internacional do trabalho. A globalização é um movimento de organização territorial para integração dinâmica da maximização e eficácia das forças capitalistas, assim na globalização os espaços geográficos acabam se conformando como esta adição constante: mais espaço, mais território, mais lucro, mais especialização, mais movimento, com exceção do tempo, que é sempre ou conformado, diminuído ou deformado. Assim a divisão internacional do trabalho explica esta dinâmica de conformação do capital pelo espaço globalizante.

Para Santos, a técnica, a informatização, a financeirização da economia, estas categorias que antes eram determinantes para o processo de globalização, agora elas elevam-se às categorias dominantes, isto é, elas propiciam o próprio movimento de expansão e de remodelação da divisão internacional do trabalho e da territorialização. Os circuitos superiores difundem-se urbanisticamente pela mimetização, como tentáculos de polvos, remodelando os circuitos inferiores<sup>58</sup>. Esta é a nítida materialização da

---

<sup>58</sup> Em sua obra, *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*, de 1979, o professor Milton Santos propões a criação da teoria de existência de circuitos das economias urbanas, neste movimento de diferenciação do olhar para países latino-americanos, através da dificuldade dos serviços essenciais. Diz Santos “*A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito*

expropriação do capital no âmbito da psico-esfera miltoniana. Esta difusão dos objetos técnicos, da tecnologia, ela pode ser compreendida tanto como uma homogeneização, um avanço técnico-científico entre o homem e o meio, quanto uma diversificação, pois ela carrega a dúvida do referencial, isto é, a dúvida de *‘quem interessa a difusão da tecnologia no território’*? Pegamos o exemplo da financeirização, o crédito fácil e acessível através de um pedaço plástico, solicitado de maneira virtual, em instituições bancárias sem sede física, com taxas de juros que também fogem da realidade tácita, qual a vereda de expropriação desta mais-valia e valores que circulam virtualmente? O endividamento de uma classe precarizada interessa a quem<sup>59</sup>? Outro exemplo do avanço técnico-científico, os smartphones, que também passam atender um movimento de financeirização, ou não conseguimos enxergar que as relações de trabalho, muitas vezes, estão dispostas dentro deste dispositivo? O celular mudou a divisão internacional do trabalho desde década de 2010, entretanto foi durante a pandemia de Covid-19 que segmentou seu poder de retorno ao capital referencial, como mencionei acima, destes retornos referenciais desiguais entre as classes sociais. Durante o processo de instauração de quarentena pandêmica, esta década de 2020, o celular, que nunca mais é utilizado para receber ligações telefônicas, atendeu o seu mentor: pessoas com condições e reservas financeiras conseguiram manter-se isolados, trabalhando remotamente através do celular, ao passo que os trabalhadores dos circuitos inferiores de produção adotaram plataformas virtuais, movidos ao instinto de sobrevivência biológica e financeira. Estas pessoas acabaram por acreditar numa pseudo-autonomia financeira pela plataformação de serviços; no início os investimentos e incentivos foram gigantescos<sup>60</sup>, porém, desmesurados também foram as precarizações das relações trabalhistas. Por este motivo é importante compreendermos a teoria do professor Milton de que a técnica se difunde

---

*da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços*”. (SANTOS, 1979, p. 29).

<sup>59</sup> Observe nesta reportagem, que o empresário multibilionário, Abílio Diniz diz em discurso, em 2023, que seu *“receio é uma reforma tributária Robin Hood*”, que tire dos ricos para dar aos pobres, que favoreça a pessoa física ao invés da jurídica. Disponível em: <https://exame.com/invest/mercados/abilio-diniz-meu-receio-e-uma-reforma-tributaria-robin-hood/> (acessado em janeiro de 2023).

<sup>60</sup> Estas plataformas, como exemplo o Uber, receberam aporte ao longo dos anos de vários fundos de investimento. Assim, no início, as remunerações dos trabalhadores eram altíssimas, arquitetando a construção de um monopólio que muitas vezes fazia a empresa operar em balanço deficitário. <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2016/06/02/uber-recebe-aporte-de-us-35-bilhoes-de-fundo-da-arabia-saudita.ghtml> (acessado em janeiro de 2023).

pelo meio, mas a tecnificação é referencial, ela é impregnada, ela atende circuitos superiores de produção.

A concepção inicial de Santos, como anteriormente mencionada, de espaço como fixos e fluxos, na sua obra *Por uma Geografia Nova*, de 1978, fora porque estes conceitos permitem olharmos para o espaço como sistema de ação e sistema de objeto, pois ao examinar um fixo conseguimos antever um fluxo, tornando-os categorias decifráveis (Barros, 2020); Santos transcende novamente em pensar na presença do homem e da ação humana no território, isto é, a análise do “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que formam o espaço” (Santos, 2022, p. 62). Diz, assim, que “uma outra possibilidade é a de trabalhar com um outro par de categorias: de um lado, a configuração territorial e, de outro, as relações sociais” (Santos, 1988 apud Santos, 2022, p. 61). Acrescento que fixos não podem ser compreendidos como materialidade posta, quanto menos os fluxos podem ser tratados como a imaterialidade vigente.

Agora, uma das proposta deste ensaio, e espero ter consolidado ao longo de sua construção, é de pensarmos como enquadrarmos ontologicamente o ser ao espaço em Milton Santos, pois se for pensado como um fixo (um ente biológico residente em determinada localidade) conseguimos atribuir uma permanência observável; agora se olharmos o indivíduo como fluxo (um ente portador de informação que toma decisão) ele também em algum momento tentará retornar à permanência do local imóvel (seja o retorno no final do dia para a sua residência, ou da sua paz eterna no final de sua vida). Levando esta questão em consideração, do retorno a imobilidade, Barros (2020) diz não existir a possibilidade de tirar o homem desta equação, pois senão teríamos um “*lugar-sem-mundo*”. Por outro lado, para Sloterdijk, se tudo é espaço circundado por relações, não tenho espaços abstratos e vazios, e assim não consigo me abstrair em generalizações. Estamos falando da não existência deste *meta-mundo externo* que acabamos idealizando. Assim, por este motivo, compreendo aqui o espaço de Sloterdijk como uma produção topológica que traga a discussão tanto da “*transformação técnico monetária do mundo (...) (com o) ultrapassamento do natural pelo artificial*” (Pessanha, 2016, p. 135). Assim, como olharmos o espaço pela poética da política, como já mencionamos, de quando queremos olhar o espaço pela materialidade posta. Há, entretanto, a problemática do espaço em Santos correr o risco de ser compreendido como somente uma relação diapasônica entre objeto social versus um objeto geográfico. A solução, encontramos pelo

próprio geógrafo, através de uma abordagem da realidade diretamente do ponto e vista do observador, e não como algo dado a priori, o que Santos diz que Le Lannou chamaria de “*geografia como um ponto de vista*” (id., *ibid.*, p. 45), isto é, uma ciência que desenvolva um método de abordar a realidade.

Compreendo que abrangência de possíveis laconismo neste trabalho, e até mesmo pensamentos prolixos, advém desta busca de um paralelismo conceitual do ponto de vista para o espaço entre ambos os autores. Partindo do preterido por Koselleck<sup>61</sup>, de que os conceitos são os vocábulos nos quais se concentram as multiplicidades de significados, então (estes) são as ferramentas que nós pesquisadores das áreas humanas conseguimos trabalhar e dar forma à realidade abstrata, pois embora a grafia se mantenha, o conteúdo semântico se altera historicamente, sendo necessário trazer sempre uma desgeneralização de conceitos. Como pontua Ferraz (2011), “*conceitos não são atemporais. Na realidade, eles apresentam, como camadas, temporalidades distintas*”. Santos (2022), em toda sua obra, traz epifanias de que caracterizações precisas ao conceito de espaço serão necessárias para libertar-se “*do risco das analogias e das metáforas*” (Santos, 2022, p. 22). Seria papel do intelectual desgeneralizar estes conceitos e propor um novo sentido à palavra, pois “*conceitos em uma disciplina são frequentemente apenas metáforas nas outras, por mais vizinhas que se encontrem. Metáforas são flashes isolados, não se dão em sistemas e não permitem teorizações.*” (id., *ibid.*, p. 87).

Para Santos existe uma carga muito grande na intencionalidade como força produtora da realidade material. A realidade que se materializa na produção de todas as coisas e objetos que compõe o espaço, mas não o espaço *nati-morto*, o espaço habitado pelo homem e seu entorno, assim o espaço possui a função de um “*corredor entre o sujeito e o objeto*” (id., *ibid.*, p. 90). O espaço para Santos é condicional, ele condiciona o registro duma assinatura temporal, seja ela geográfica ou social. Assim, Santos diz que G. Marcel denominaria isto de efeito boomerang, o ter não é destruído no espaço, mas sim começa ser transforado em ser. Em Sloterdijk noto uma coordenação inversa na intencionalidade de produção do espaço, onde o ser é sublimado em ter (possuir, construir); adquirir imunidade através de uma produção de espaços, estufas climatizadoras, manipulação do ambiente, manipulação genética, manipulação de

---

<sup>61</sup> Reinhart Koselleck foi um historiador alemão do pós-guerra, destacando-se como um dos fundadores e o principal teórico da história dos conceitos.



sentimentos. Santos, convergindo para a discussão do *espaço-entorno*, dirá que pela leitura de C. Diano, objeto e sujeito criam-se mutuamente, um à custa do outro (id., *ibid.*, p. 90). Assim, “*a escala do local confunde-se com a própria existência*” (Santos, 2012, p. 104), porque as variáveis do interno são delimitadas pelo meio. Neste intento da malha conceitual de espaço como produto de uma intencionalidade do homem tentando dar forma a paisagem por intermédio da ação, Santos acaba produzindo um deslocamento da tratativa unívoca da intencionalidade ser propiciada pela racionalidade e pela consequência sucessiva de atos em potências, ou como o próprio Santos menciona um conceito de Paul Ricouer, o de *imprevisibilidade*: a imprevisibilidade é fator chave para a autonomia de uma ação.

O homem possui a capacidade de transformação e criação de hibridização do espaço: pela presença do uso da técnica e da tecnologia sobre os recursos naturais; o homem cria um espaço compostos pela soma estes objetos artificiais, uma *segunda natureza*, diz Santos (2022). Como os objetos possuem valoração diferente em diferentes localizações. Para pensar as relações que surgem das atividades econômicas com o espaço, Santos o fará sobre o conceito de divisão territorial do trabalho, assim consegue verificar a existência de uma distribuição assimétrica da exploração iniciada e fomentada pelo sistema capitalista. A totalidade no território nunca é homogênea para Santos (2022), mas os fragmentos do sistema continuam agindo no lugar mesmo não havendo a totalidade. O capital de grandes corporações é um padrão desta distribuição não homogênea de fragmentos pelas diversas nuances das classes sociais; pegue, por exemplo, uma grande empresa qualquer, que produza algum produto de altíssima restrição de classe social; per si ela representa a totalidade, e a localidade continua sendo um núcleo de resistência da totalidade que se espalha o tempo todo. Por isso, proponho que a aglutinação destes pequenos fragmentos orienta a compreensão da realidade. Santos está interessado na construção das situações geográficas (Santos, 2022, p. 155), o que define como eventos, este veículo que transforma as possibilidades existentes no mundo geográfico que confluem para o que já havia categorizado como *lugar*, pois nas demais áreas de conhecimento ela é múltipla em metáforas; para Lefebvre este tempo é o momento (id. *Ibid.* p. 143); para Bachelard é o instante (id. *Ibid.* p. 145); para Whitehead é a ocasião (id., *ibid.*, p. 143); para Eddington são os instantes (id., *ibid.*, 144). Santos parte do princípio de que “*os eventos são todos presentes*” (id., *ibid.*, p. 144), não se

repetem (id., ibid., p. 145), dissolvem e modificam os objetos (p. 146), mas jamais são espontâneos, pois “*não há evento sem ator*” (id., ibid., 146).

Hoje, mais precisamente pós-década de 2010, vivemos numa sociedade que conceituo como *des-moderna*. Minha abordagem converge para a compreensão de uma *des-modernidade* que surge da materialização de um anacronismo em um calendário abstrato, como se uma efeméride, que registre a execução de eventos, fosse apagada e iniciada com ações de últimos eventos, em sentido de espiral retrógrada. Assim, sejam categorias universais, sejam as categorias particulares, estamos numa modernidade que está num calendário retroagido, como se a pós-modernidade estivesse frente um espelho deformador. O ângulo, que da construção do objeto, está a 180 graus, isto é, um ângulo raso com a realidade, se torna invertido, continua raso, mas agora se transforma num ângulo arrasado. O calendário físico começou a regredir.

Em muito, pensar este movimento de arrasamento angular, advém da minha lembrança do filme *Espelho de Carne* (1985), baseado numa peça teatral de Vicente Pereira, que retrata um espelho adquirido em leilão, exposto durante um jantar num apartamento de classe média alta carioca; a cada olhar, ele expõe a luxúria e os desejos retraídos de uma burguesia dotada de artificialidade moral. Assim, como na peça de Sartre, *Entre quatro paredes* (1944), onde podemos encontrar diretamente o inferno convergindo do reflexo da pupila para compreender como as pessoas nos enxergam, pois assim nossas falhas são percebidas, o espelho do filme inverte a situação de imaculabilidade para maculabilidade dos casais presentes no jantar, e nos lembra que uma coisa nunca é invertida, mas é realçada, o pertencimento a classe social. Se pegarmos a situação do Brasil pós-eleições de 2022, é nítida a existência deste movimento cíclico de retorno. Para exemplificar: [1] desejo de retorno ao Estado de exceção de ditadura; [2] movimentos conservadores de extrema direita esfacelando pequenos ganhos de direitos dado às minorias; [3] os adventos científicos e medicinais do último século entraram em conflito que em nada lembra uma simbiose entre ciência-antropologia (curandeirismo), mas sim uma negação total dos avanços científicos.

Compreendo que a *des-modernização* promove dois campos distintos da distribuição de objetos (materiais e imateriais) no espaço, e que deveriam ser mais bem explorados futuramente: o dos *hipo-objetos*, e o dos *hiper-objetos*. Hipo-objetos tendem a diminuir em participação de direitos civis, gerando um sentimento de baixo pertencimento do cidadão nas políticas sociais. Hiper-objetos tendem aumentar o

sentimento de pertencimento do cidadão. Porém, devemos estar atentos a uma limitação desta categorização pois ela leva em conta somente o sentimento de pertencimento do indivíduo enquanto cidadão. Assim, por exemplo, se pegamos as críticas às hiper-narrativas midiáticas que envolvem toda a construção comunicativa atual na inclusão de pessoas em microbolhas de pertencimento, mediante esforço obtuso de forças verticalizantes à manutenção desta coesão, tenderíamos a concordar com a possibilidade de notícias falsas e fabricadas pelos meios de comunicação. Deste modo, pense que atualmente, após 30 anos da erradicação da poliomielite, suspeita de novos casos da doença<sup>62</sup>, surgem por uma difusão na hipermídia de falsas narrativas, criadas pela ideologia de uma manutenção de um hiper-capitalismo, culminando em problemas de hipo-saúde.

Assim, essa minha proposta explicita a problemática que levantei ao longo do trabalho: não há real motivo em separar analiticamente o espaço em (a) uma presença topológica e esferológica sloterdijkiana, (b) e outra aproximação, mais pragmática, miltoniana, como se fossem objetos distintos. Santos e Sloterdijk estão construindo conceitos, e conceitos são as ferramentas do sociólogo, assim como fórmulas são ferramentas dos matemáticos. Essa separação por exclusão não agrega em nada a compreensão do espaço. O espaço se adiciona, e, quanto mais adiciona, mais revela, sendo função do sociólogo compreender que a análise destes fragmentos não é formada por uma soma de conceitos definidos, mas sim que estes fragmentos conceituam (já que conceitos não são atemporais) o espaço. Assim, para ambos os autores, este movimento chamado de globalização diminui a importância de um espaço como fixação de território geográfico, para Sloterdijk surgem movimentos de larga escala, de compreensão sociológica morfológica da sociedade-estufa<sup>63</sup>; para Santos uma verticalização

---

<sup>62</sup> Para mais informações: **como Brasil entrou em lista de 'alto risco' de volta da pólio**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59646001>; e, **baixa vacinação contra pólio no Brasil e novos casos no mundo acendem alerta para risco de volta da doença já erradicada no país**, disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/03/09/cobertura-vacinal-da-polio-despenca-em-5-anos-no-brasil-e-novos-casos-em-israel-e-malawi-acendem-alerta.ghtml>.

<sup>63</sup> Diz, o filósofo alemão no Esferas I sobre o estar-no-mundo, ser na verdade um movimento de estar-em-esferas, assim “*se os homens estão aí, então existem de início em espaços que se abriram para eles porque, ao habitá-los, lhes deram forma, conteúdo, extensão e duração relativa. Mas como as esferas constituem o produto original da coexistência humana – algo que nenhuma teoria do trabalho jamais levou em conta -, esses lugares atmosférico-simbólicos dos homens dependem de sua contínua renovação; esferas são instalações climáticas a climatização simbólica do espaço comum é a produção original de cada*

ideológica, se alastra; entretanto vislumbro uma busca arquitetônica para conseguir conviver neste novo movimento ‘*pós-histórico*’ (Sloterdijk, 2008) e que culmina nesta minha proposta de uma *atualidade des-moderna*.

Ao mesmo tempo que proponho este diálogo friccional entre Santos e Sloterdijk, autores que abordam o espaço de uma maneira magistral e, cada qual, peculiar, enfatizo, para este ensaio, duas considerações: (a) o esforço epistemológico de Milton Santos em criar, propor e organizar uma geografia própria do Brasil e da América Latina que não seja explicada como uma continuidade dos circuitos produtivos de países em desenvolvimento, como obra-resto de países conceituados como desenvolvidos. Santos nos permite compreender o poder que o Capital detém à escolha e conformação de um território que sirva duma nova divisão internacional do trabalho; (b) o esforço epistemológico de Sloterdijk em olhar para o espaço a partir do seu entorno e das suas relações diádicas, criando uma teoria sociológica do espaço e suas relações com os meios (simbólicos, biológicos, físicos, religiosos etc).

Pessanha (2016) diz que “*é comum, em Sloterdijk, a apropriação das ideias dos pensadores precedentes para levá-las adiante e corrigi-las*”, o mesmo digo de Santos. Por isso, através da compreensão do método fenomenológico espacial e paisagístico de Santos, e da fenomenologia das esferas, ou esferologia, em Sloterdijk, proponho esta análise dos fragmentos de eventos como uma ferramenta possível de análise da contemporaneidade, da *des-modernidade*. Para Santos, a análise da diferenciação de eventos é peça chave para compreender tanto o dinamismo da realidade social, como para compreender a extensão do espaço, já que os eventos utilizam a paisagem para se alastrar sobre o espaço. Pois para o geógrafo os eventos podem ser naturais, ou sociais-históricos (pela execução de algum ator); como também devemos distinguir se as ações que geram os eventos culminarão em longa duração, ou eventos de duração normal, assim como para definirmos a escala de origem do evento, referido as forças capazes de produzir os eventos sobre grandes extensões, pois a métrica de ação do Estado difere da métrica da ação do indivíduo, já que o Estado é detentor do “*uso legítimo*

---

*sociedade. De fato, os homens fazem seu próprio clima, mas não o fazem se valendo de peças soltas, e sim sob condições previamente encontradas, dadas e transmitidas*”. (Sloterdijk, 2016, p. 46)

*das forças*”; e são eventos finitos como o tempo e o dinheiro, ou infinitos e acumulativos, como a liberdade (Santos, 2022, pp. 146-155).

Sobre este uso legítimo da força, concorda Rodrigo Petrônio que Sloterdijk transpassou a discussão acadêmica dos dispositivos de controle, que são ferramentas do capital, “*por que Sloterdijk fala mais em domesticação ao invés de retomar a discussão dos dispositivos de controle? Porque a domesticação está muito mais ligada aos hominídeos, e os dispositivos estão muito atrelados a categorias institucionais*” (Ribeiro, 2017). Para Sloterdijk os eventos se conformam numa categoria que engloba o tempo como morfologia espacial também, por exemplo, no caso da compreensão de imunizações de larga escala, como globos católicos; o evento é uma consolidação morfológica das forças imunizadoras, de grandes instituições, que tentam manter a concretude abstrata desta forma globalizante. Os eventos se traduzem assim em ideologias que se espraiam por sobre o território abstrato. A materialidade dialética de Santos permite compreender as forças hegemônicas que regem a vida econômica social do homem adulto, mas não em profundidade o interior de sua psico-vastidão<sup>64</sup>. Como compreender a produção de subjetivação do homem, sem pensar numa teoria que envolva, no mínimo, pensar a partir do conceito de repetição de Deleuze e Guattari, a base da criação das antropotécnicas? Como compreender que os sistemas de verticalidade fazem uso da técnica para adequar-se aos locais sem perder, em momento algum, sua essência, senão pela análise materialista dialética<sup>65</sup>?

Em Sloterdijk (2008), as conclusões não são de âmbito material (ou derivativas diretamente do materialismo histórico que abrange a sociedade pós-industrial). No último capítulo do seu livro *Palácio de Cristal* propõe a criação de uma “*esquerda celeste*” que consiga transpassar essa “*esquerda terrestre*” que não absorve a que o homem tem uma necessidade imanente de autoimunização (e no seu ápice gera essas agendas da extrema-direita). Como Santos tende a universalização dos conceitos,

---

<sup>64</sup> Observe o que diz Sloterdijk, sobre a passagem do homem a vida adulta, assim, não há como estudar processos da ontogênese de subjetivação diretamente pelo materialismo dialético. “*O que chamamos tornar-se adulto são essas trabalhosas passagens das subjetividades em menor escala para formas do mundo mais ampliadas; a expressão muitas vezes também significa a adaptação da consciência tribal a condições imperiais e fundadas na escrita. Para a criança que fomos, o espaço de operações ampliado pode, ainda por um tempo, denominar-se a grande família*”. (Sloterdijk, 2016, p. 54)

<sup>65</sup> Por exemplo, pense nas indústrias alimentícias de grandes commodities que não apresentam problema alguma de se adequar ao lugar que são instaladas. Algo como se disséssemos “*se aqui não podemos comer carne, não há problema, comemos algo parecido com carne. O que não podemos é ficar sem vocês comerem.*” (sic).

nós conseguimos desvelar as forças dialéticas que conformam o espaço; para mim, a maior dificuldade da aproximação marxista de Santos é quando necessitamos abstrair o espaço para tratamos diretamente do indivíduo que produz este espaço; quando vamos fazemos o movimento do universal ao particular, transpassando a discussão da divisão internacional do trabalho, me parece que há uma dificuldade em abarcar *individualidades íntimas* (que não individualidades regionais, porque elas ainda são categorias totalizantes no espaço). Por isso essa abordagem esferológica nos permite um segundo olhar sobre o espaço. São abordagens distintas. Não há espaço geográfico hoje sem pontos de interligação (abstratos ou concretos), porque a rede que Milton Santos propõe já está conectada por estruturas, as estruturas dependem das densidades (demográficas, regionais, de poder político) e não há como juntar esta análise sem olhar para as micro-ontologias derivadas (ontologia dos grupos que se dissolveram e criaram pequenas redes de proteção neste mar-de-espumas).

Abri meu texto dizendo que nós, como expectadores assíncronos, poderíamos afirmar que, provavelmente, estejamos diante de uma grande virada histórica, do objeto de estudo deste trabalho, deste homem-território que se desprende, tornar-nos-emos neste *homem-novos-territórios-virtuais*, como se fossemos pássaros que voam pelas alvoradas migratórias. Disto, vimos que o espaço não é homogêneo, além de se conformar como um híbrido real-virtual, topográfico-dialético, e caberia a nós como sociólogos encontrar estas heterogeneidades destas '*rotas migratórias*', desenvolvendo ferramentas para otimização das gestões de política pública, e mais importante, das gestões públicas nacionais.

Fomos ensinados na academia que a economia resolveria os problemas da humanidade, mas ela se tornou uma ferramenta do capital, expulsando a política da própria discussão propriamente política (a gestão pública). Os ricos, neste movimento tornaram-se mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres. Por isso é importante reascender a chama da geopoética e da poética política na academia. Geopoética e poética política não é sair declamando poemas sobre o assunto, é trazer a empatia para a produção do discurso. Necessitamos trazer estas duas disciplinas para o âmbito da sociologia.

## 10. Referências

- FERRAZ, Paula Ribeiro. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – **A História dos Conceitos e sua Relação com a História Política**. ANPUH • São Paulo, julho 2011.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo - **10 lições sobre Sloterdijk** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018 – (Coleção 10 Lições)
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens – uma breve história da humanidade**; tradução Janaína Marcoantonio. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.
- LIMA, Antonio Balbino Marçal. **Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus, BA: Editus, 2014. ISBN 978-85-7455-444-0.
- MOREIRA, Claudio. **Guia prático de escrita acadêmica: o passo a passo para escrever papers, artigos científicos e monografias**. – 1. ed. – São Paulo: Claudio Academy, 2021.
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário de sinônimos** - 4. ed., rev. e atual., 2. reimpr. - Rio de Janeiro: Lexikon, 2018
- PELUSO, M. L. **O Desafio De Compreender A Natureza Na Obra De Milton Santos**. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.4, n.1 (2013), p. 22:31 ISSN: 2177-4366
- PESSANHA, Juliano Garcia. **Peter Sloterdijk: virada imunológica e analítica do lugar**. 2016. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. 16ª ed., São Paulo: Ática, 1996 (Bom Livro).
- RIBEIRO, Rodrigo Petrônio. **Uma antropologia para além do homem: religião e hominização na obra esferas de Peter Sloterdijk**. 2013. 216 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- RIBEIRO, Rodrigo Petrônio. **Introdução ao pensamento de Sloterdijk: estratégias para compreender a contemporaneidade**. In: Projeto Temático PIPEq (grupo Transobjeto – plano de incentivo à pesquisa da PUC-SP) coordenado por Dra. Lúcia Santaella, 2017, São Paulo, PUC-SP.
- RODRIGUES, Bráulio; MARTINS, Ricardo E. **Sloterdijk Contra Agamben: reforma democrática contra a anarquia insurgente**. Revista Apoena. V.4, n.7 (2022).
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. (Coleção Ciências Sociais).
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**, HUCITEC, São Paulo, 1982, (3ª edição: 1991)

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal**, 2010, Editora Record, Brasil

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**; organizado por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. 5 ed.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. Coleção Milton Santos. 4. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022. (edição Kindle)

**SEMINÁRIO SOBRE O GEÓGRAFO MILTON SANTOS REALIZADO EM 2010 PELA ENTÃO COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS**, Série Comissões em ação: 13, Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

SILVA, David Leal; FELIX, Yuri. **O Palácio de Cristal e a razão ressentida: Dostoiévski e a crítica do mimo**. In: III Colóquio Internacional de Direito e Literatura, 2014, Passo Fundo. Crime, Processo e (in)justiça. Passo Fundo: IMED, 2014. v. 02. p. 332-352.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas III: Espumas**. Esferología Plural. *Traducción* Isidoro Reguera. Prologo Rüdiger Safranski. Barcelona: Siruela, 2006 [Publicação Alemã: 2004]

SLOTERDIJK, Peter. **Palácio de Cristal, Para Uma Teoria Filosófica da Globalização**. Tradução Manuel Resende. Coleção Antropos. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2008 [Publicação Alemã: 2005]

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I. Bolhas**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016. [Publicação Alemã: 1998]